

Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**MAIS INTIMIDADE, MAIS RESPONSABILIDADE?: UM ESTUDO
EXPLORATÓRIO SOBRE O ENVOLVIMENTO PATERNO E AS RELAÇÕES
CONJUGAIS**

Hugo Pedro Ferreira Guimarães

Outubro, 2016

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor **José Albino Rodrigues Lima** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade intelectual.

Agradecimentos

Esta dissertação é o culminar de um percurso de cinco anos de glórias e de derrotas. Cinco anos desgastantes, mas o sentimento de realização é maior do que qualquer sinal de cansaço. Felizmente, não estive sozinho nesta jornada e é por isso que deixo um agradecimento a quem contribuiu para a realização deste trabalho.

Ao Professor Doutor José Albino Lima, pela sua orientação exímia. Obrigado pelo *envolvimento* contínuo, pelas discussões e críticas construtivas, pela forma descontraída, mas rigorosa e atenta com que me guiou neste processo, o que me fez sair de cada encontro nosso a transbordar de confiança! Obrigado por coassinar comigo este meu primeiro pequeno contributo para a investigação nesta área e por ser um verdadeiro modelo para mim de profissional e de investigador.

A todos aqueles que enriqueceram este estudo com a sua participação. Igualmente, àqueles que me ajudaram a alargar esta amostra.

À Professora Doutora Cidália Duarte, pela disponibilização de inúmeros instrumentos de avaliação da satisfação conjugal numa fase embrionária deste projeto, de onde foi selecionada a EDI. À Professora Doutora Maria Emília Costa pela autorização da sua administração e sugestões metodológicas para a mesma.

À Paula Lopes do SINCLab a quem estou realmente grato pelo apoio incansável na análise estatística dos dados, pela recetividade a todas as minhas dúvidas! Ao Professor Doutor Rui Serôdio, também pelas sugestões de procedimento estatístico.

À Elisabete Oliveira e à Prof. Cristina Rey, pela ajuda no resumé.

A todos os meus amigos de faculdade, obrigado por terem feito parte do meu percurso! Um agradecimento muito especial à Joana e à Sofia, pela amizade de 5 anos e por nunca me terem deixado sozinho nesta etapa final do processo de escrita. Todo este esforço valeu a pena só pelas nossas (longas) pausas de café! Estou orgulhoso de nós!

A todos os meus amigos além da faculdade que acompanharam este meu trabalho e que nunca se esqueceram dele. Em especial à Cláudia, à Cristina, à Sónia e à Xana.

A toda a minha família, pelo apoio e pela compreensão da minha ausência frequente! Em especial à minha avó, à Tatá, à Sofia e ao pequeno grande Kiko. Aos meus avós que não estão cá para ver este meu momento, mas que de alguma forma estiveram sempre presentes.

Aos meus pais, pela responsabilidade que assumiram de forma genuína ao longo de todo o meu desenvolvimento. Esta etapa alcançada é também graças ao vosso empenho! À minha irmã Joana, pela sua preocupação e admiração genuína que tanto me impulsiona.

À Ana, pelo papel fundamental que desempenhou com o seu amor e por confiar em mim mesmo nos momentos em que eu próprio não confiei. Obrigado pela compreensão e incentivo constantes, assim não foi tão difícil!

Resumo

As representações socioculturais dos papéis parentais têm sido alvo de uma grande flexibilização nas últimas décadas. No início da segunda metade do século XX, o pai assumia ainda um papel rígido de tipificação sexual e de autoridade, ao passo que a mãe era responsável pelos cuidados básicos dos filhos e pelas tarefas domésticas. Fatores sociológicos como a entrada da mulher no mercado de trabalho ou a representação do pai nos *media* originou a figura de um “pai moderno”, assumindo-se de que este dispõe também de sensibilidade e capacidade para se envolver numa partilha equitativa de responsabilidades, respondendo às necessidades de todo o sistema familiar.

Uma vez que a relação conjugal é apontada como uma das principais fontes de apoio para o exercício da paternidade, procurou-se explorar a associação entre a assunção de responsabilidade paterna e os níveis de intimidade do casal, atendendo também às construções pessoais e sociais dos papéis de pai e de mãe.

Neste estudo participaram 62 casais em situação de coabitação e com, pelo menos, um filho menor em comum. Para a recolha de dados, foram aplicados a ambos os membros de cada casal um questionário sociodemográfico, uma adaptação da Escala de Responsabilidade Parental (Lima, 2009), a Escala de Dimensões da Intimidade (Crespo, Narciso, Ribeiro, & Costa, 2006) e um questionário de exploração das representações dos papéis parentais.

Os resultados indicam que a mãe continua a assumir, de forma global, maiores níveis de responsabilidade, ainda que se observe uma aproximação à repartição equitativa de tarefas relacionadas com os Cuidados e Interesse. Ao nível da intimidade, não se encontram diferenças significativas entre pais e mães. Verifica-se uma correlação positiva entre os níveis de intimidade da mãe e a sua assunção de responsabilidade, o que não acontece nos pais. O domínio Cuidados e Interesse parece ser o domínio da responsabilidade paterna mais associado à qualidade da relação íntima no sexo masculino.

A análise das representações sociais demonstra que, apesar de quase metade dos participantes desejarem uma igualdade de tarefas, são ainda atribuídos papéis tradicionais a ambos os progenitores, mesmo que tal não se verifique numa dimensão comportamental. Neste sentido, é fulcral contribuir para a (re)construção de significados que visem um equilíbrio saudável do processo desenvolvimental das crianças e dos respetivos pais.

Palavras-chave: parentalidade, paternidade, envolvimento paterno, intimidade, representações sociais.

Abstract

The sociocultural representations of the parental roles have suffered great transformations over the last decades. In the beginning of the second half of the 20th century, the father still adopted a rigid gender-oriented, authoritarian role, while the mother was responsible for basic care of the children and household chores. Sociological factors like the women's entry into the labor market or the representation of the father in mass media raised a new figure of the "modern father", assuming he also has responsiveness and skills to be involved in an equitable share of responsibilities according to the family system needs.

Since the marital relationship is pointed as one of the main sources of support to the fatherhood practice, there was an attempt to explore the association between the assumption of paternal responsibility and the couple's levels of intimacy, regarding also personal and social construction of the roles of the father and mother.

In this study participated 62 cohabiting couples with at least one child under 18 years old in common. For the data collection, it was administered to both members of the couple a sociodemographic questionnaire, an adaptation of the Parental Responsibility Scale (Lima, 2009), the Intimacy Dimensions Scale (Crespo, Narciso, Ribeiro, & Costa, 2006) and a questionnaire which aimed to explore the representations of parental roles.

The results indicate that mothers still globally assume higher levels of responsibility, however there seems to be an approach to the equitable distribution of tasks related to Care and Interest. About intimacy, there are no significant differences between fathers and mothers. There is a positive correlation between mothers' levels of intimacy and their assumption of responsibility which does not happen among fathers. The Care and Interest domain appears to be the most associated domain of paternal responsibility to the quality of the intimate relationship among men.

The analysis of social representations demonstrate that even though almost half of the participants desire an equality of functions, traditional roles are still given to both parents even when it's not regarded in a behavioral dimension. Therefore it's fundamental to contribute to the (re)construction of meaning in order to promote a healthy balance of children and its parents developmental process.

Key words: parenthood, fatherhood, paternal involvement, intimacy, social representations.

Résumé

Les représentations socioculturelles des rôles parentaux sont devenues plus flexibles durant les dernières décennies. Vers le milieu du XX^{ème} siècle, le père assumait encore un rôle sexuel et d'autorité très rigide, alors que la mère avait la responsabilité des soins des enfants et des tâches domestiques. L'entrée de la femme sur le marché du travail ainsi que la représentation du père dans les media sont des facteurs sociologiques qui ont dessiné l'image du « père moderne » ; celui-ci dispose également de la sensibilité et de la capacité à accepter le partage équitable des responsabilités ce qui fait qu'il réponde aux besoins de tout le système familial.

Étant donné que le rapport conjugal est l'une des principales sources de soutien à l'exercice de la paternité, on a cherché à explorer la relation entre l'acceptation de la responsabilité paternelle et les niveaux d'intimité du couple en tenant compte également des constructions personnelles et sociales des rôles du père et de la mère.

62 couples dans une situation de cohabitation ayant au moins un enfant mineur en commun ont participé à la présente étude. Un questionnaire sociodémographique, une adaptation de l'Echelle de Responsabilité Parentale (Lima, 2009), l'Echelle de Dimension de l'Intimité (Crespo, Narciso, Ribeiro, & Costa, 2006) ainsi qu'un questionnaire d'exploration des représentations des rôles parentaux ont été appliqués à chacun des membres des différents couples.

Les résultats indiquent que c'est la mère qui continue d'assumer, globalement, des niveaux les plus élevés de la responsabilité, même si on constate un rapprochement à la répartition équitable des tâches concernant les Soins et Intérêt.

Au niveau de l'intimité, il n'y a pas de différences significatives entre les pères et les mères. On constate un rapport positif entre les niveaux d'intimité de la mère et son acceptation des responsabilités, ce qui n'est pas le cas chez les pères. Dans le domaine Soins et Intérêt, la responsabilité paternelle semble être ce qui est le plus en rapport avec la qualité de la relation intime en ce qui concerne le sexe masculin.

L'analyse des représentations sociales démontre que les rôles traditionnels sont encore attribués aux deux parents même si cela ne se constate pas dans la dimension comportementale et même si presque la moitié des participants à l'étude désire le partage équitable des tâches. En ce sens il est fondamental de contribuer à la (re)construction des significations qui tendent à l'équilibre salutaire du processus de développement des enfants et de leurs parents.

Mots-clés: parentalité, paternité, engagement paternel, intimité, représentations sociales.

Índice

Introdução	1
I. Enquadramento teórico	2
1. O Envolvimento Paterno	2
1.1. A paternidade: um papel esquecido intencionalmente?	2
1.2. Formas de envolvimento paterno	4
1.3. O modelo tripartido	5
1.4. Linhas de influência paterna	5
1.5. O envolvimento paterno segundo a perspetiva bioecológica	6
1.6. Determinantes do envolvimento paterno: uma visão sistémica	7
1.6.1. Fatores individuais	7
1.6.2. Fatores familiares	8
1.6.3. Fatores extrafamiliares	9
1.6.4. Fatores culturais	9
2. A intimidade: o alicerce das relações românticas	10
3. Qual a relação entre a intimidade e o envolvimento paterno?	13
4. Pressupostos-base de investigação	15
II. Método	17
2.1. Participantes	17
2.2. Instrumentos	18
2.2.1. Ficha sociodemográfica	18
2.2.2. Escala da Responsabilidade Parental	18
2.2.3. Escala das Dimensões da Intimidade	19
2.2.4. Questionário sobre as representações dos papéis parentais	20

2.3. Procedimento	20
2.4. Análise de dados	21
III. Resultados	22
3.1. A responsabilidade paterna e suas características	22
3.1.1. Análise da responsabilidade paterna em função da idade do pai	23
3.1.2. Análise da responsabilidade paterna em função do sexo do filho	24
3.1.3. Análise da responsabilidade paterna em função do tempo de relacionamento conjugal	25
3.2. A responsabilidade parental numa comparação entre pais e mães	25
3.2.1. Médias e desvios-padrão dos itens da ERP	26
3.3. As dimensões da intimidade no pai e suas características	28
3.3.1. Análise das dimensões da intimidade nos pais em função do sexo do filho	28
3.4. As dimensões da intimidade numa comparação entre pais e mães	28
3.4.1. Análise das dimensões da intimidade entre pais e mães	28
3.4.2. Médias e desvios-padrão dos itens da EDI	28
3.5. Correlações entre responsabilidade total e as dimensões da EDI	29
3.6. Correlações entre as dimensões da ERP e as dimensões da EDI no pai	30
3.7. As representações dos participantes relativamente aos papéis parentais	31
IV. Discussão	34
V. Conclusão	39
Referências bibliográficas	42
Anexos	51

Índice de Quadros

Quadro 1 – Distribuição dos itens da ERP pelas quatro dimensões da escala.	19
Quadro 2 – Distribuição dos itens da EDI pelas duas dimensões da escala.	20
Quadro 3 – Médias e desvios-padrão das diferentes dimensões da ERP.	22
Quadro 4 – Assunção de responsabilidade paterna em função da idade do pai.	23
Quadro 5 – Assunção da responsabilidade paterna em função do sexo do filho.	24
Quadro 6 – Assunção da responsabilidade paterna em função do tempo de relacionamento conjugal.	25
Quadro 7 – Diferenças entre pais e mães nas dimensões da ERP.	26
Quadro 8 – Médias e desvios-padrão dos itens da ERP.	26
Quadro 9 – Médias e desvios-padrão dos itens da EDI.	29
Quadro 10 – Correlações entre a responsabilidade total e os domínios da EDI para ambos os pais.	30
Quadro 11 – Correlações entre as dimensões da ERP e as dimensões da EDI no pai.	30

Introdução

A família é um pilar básico da nossa sociedade, na qual os pais desempenham um papel fulcral no desenvolvimento das crianças. Neste sentido, a parentalidade é um “conjunto de ações encetadas pelas figuras parentais (pais ou substitutos) junto dos seus filhos, no sentido de promover o seu desenvolvimento de forma o mais plena possível, utilizando para tal os recursos de que dispõe dentro da família e, fora dela, na comunidade” (Cruz, 2013, p. 13).

A teoria dos sistemas familiares realça as diferentes configurações que pais e mães assumem no subsistema parental; mesmo numa relação igualitária manifestam-se diferentes processos e significados associados ao comportamento de cada figura parental (Palkovitz, Trask & Adamsons, 2014). Nos dias de hoje, a parentalidade é cada vez mais pautada pela repartição equitativa de tarefas, deixando o pai de representar a figura de cuidador secundário e aproximando-se gradualmente do papel de mãe (Johansson, 2011).

Bronfenbrenner (1995) afirma que “para entrar na dança do desenvolvimento são precisas três pessoas” (p. 119). Desta forma, para conhecermos a relação do pai com os filhos, urge a necessidade de conhecermos o cerne da relação conjugal, sem, no entanto, desvalorizarmos o contexto social onde estas interações familiares tomam lugar e que influenciam os comportamentos desejáveis (Vala, 2006).

Assim, o primeiro capítulo deste trabalho dedica-se ao enquadramento teórico do conceito de envolvimento paterno, considerando as suas formas, linhas de influência e determinantes, sem esquecer as variantes da participação do pai nos processos de socialização da criança. Ainda, introduzimos o conceito de intimidade, intitulada por Stenberg (1998) como o “alicerce” das relações românticas e exploramos a sua importância na relação conjugal e, conseqüentemente, no envolvimento paterno. No segundo capítulo, é apresentado o método deste estudo, desde a seleção da amostra, a aplicação dos instrumentos ao procedimento de recolha de dados, tendo-se assumido uma metodologia mista que associa uma vertente quantitativa a outra qualitativa. Posteriormente, no terceiro capítulo, são apresentados os resultados encontrados, seguindo-se o quarto capítulo que se debruça sobre a respetiva discussão e confrontação desta nova informação com aquela recolhida na literatura até então. Finalmente, a última secção destina-se à reflexão sobre a relevância prática e social que estes resultados assumem, tendo em conta as possíveis limitações deste estudo e as reformulações das quais o mesmo poderá ser alvo, com o objetivo de contribuir para a compreensão do papel do pai para as crianças, para os sistemas familiares e para a sociedade em geral.

I. Enquadramento teórico

“There is now little doubt that fathers influence child development profoundly”

(Lamb, 1997, p.18)

1. O Envolvimento Paterno

1.1. A paternidade: um papel esquecido intencionalmente?

A paternidade, em comparação com a maternidade, tem recebido pouca atenção na literatura (Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradey, Hofferth, & Lamb, 2000). Os pais não foram “esquecidos” por lapso; na verdade, assumia-se que estes eram menos importantes do que as mães no desenvolvimento da criança, sendo a mãe a figura primária de vinculação. Não foi também por acaso que o Dia do Pai foi oficializado nos Estados Unidos da América apenas em 1972, 58 anos após o estabelecimento do Dia da Mãe (Mintz, 1998). Mesmo em desvantagem relativamente ao envolvimento materno, a curiosidade pela investigação na paternidade, nas últimas décadas, tem aumentado, tendo sido Lamb (1975), Parke (1975) ou Clarke-Stewart (1978) pioneiros na investigação neste domínio, alertando para a importância da participação e envolvimento do homem no processo desenvolvimental das crianças. Em Portugal, os estudos realizados neste âmbito são escassos, sendo exemplo de trabalhos mais expressivos os de Lima (2005; 2009), Balancho (2004) ou Monteiro e colaboradores (2008).

Atualmente, sugere-se que as crianças são biologicamente predispostas a reagir e a manifestar afeto não só com a mãe, mas também com o pai, sendo estes capazes de estabelecer relações de vinculação diádicas com os filhos com sensibilidade e apoio à exploração (Palm, 2014). Já no início da segunda metade do século XX, Erikson (1976) havia incluído o pai na sua teoria do desenvolvimento psicossocial, mesmo sem especificar as diferenças da contribuição de cada elemento parental no desenvolvimento da confiança básica e da autonomia. Neste sentido, o desenvolvimento destas capacidades nas primeiras idades está relacionado com um sentido de segurança que não só as mães, mas também os pais, são capazes de providenciar.

Uma vez que o interesse pelos pais se acentuou perante as várias mudanças nas concetualizações dos papéis e responsabilidades do homem, surgiu, assim, o conceito de “nova paternidade” que apresenta o pai como um participante ativo e envolvido em todas as dimensões do cuidado e educação dos filhos (Lamb, 1992). Emergiu, portanto, a figura de um “pai moderno”, capaz de repartir com a sua companheira as tarefas familiares de forma equitativa (Lima, 2005), de compreender, dialogar, descontrair e brincar com os filhos (Balancho, 2004), prevalecendo a sensibilidade e a proximidade emocional sobre a

masculinidade hegemónica até então socialmente partilhada de forma distante e rígida (Johansson & Klinth, 2007). A partir de meados dos anos 70, o papel do pai ganhou expressividade no estudo da parentalidade, com reflexos também dos *media*, sendo um exemplo a personagem representada por Dustin Hoffman no filme *Kramer Contra Kramer* que mostrou ao público uma representação de um pai presente e carinhoso (Lamb, 1992; Mintz, 1998). Atualmente, o papel de “pai moderno” atribui ao homem uma repartição mais equitativa, com a sua companheira, das tarefas familiares, da prestação de cuidados e da educação dos filhos; contudo, apesar de todos estes progressos, o homem é ainda, em pleno século XXI, retratado como um cuidador em *part-time*, no qual desempenha um papel secundário de auxílio e apoio às mães, sendo o seu papel mais relevante o de sustento económico (Schmitz, 2016).

O envolvimento paterno tem sido avaliado de acordo com a quantidade de tempo passado com os filhos, a qualidade da interação do pai com os mesmos e o seu investimento no papel paterno (Lima, 2009). Além disso, Palkovitz (1997) defendeu que o papel do pai não é estanque, mas sim dinâmico e ativo, sugerindo a representação de um contínuo de envolvimento. Segundo o autor, o tempo dedicado aos filhos pode não representar a intensidade do seu envolvimento ou a motivação para o fazer. Efetivamente, um pai pode despender pouco tempo em atividades de jogo com o seu filho, mas envolver-se ativamente na estruturação do tempo de brincadeira. Por sua vez, outros pais podem passar uma grande quantidade de tempo em atividades com as crianças e dispõem de pouca sensibilidade ou motivação para tal. Não existem, portanto, pais *envolvidos* ou pais *não envolvidos*, mas sim um contínuo de envolvimento direto ou indireto.

O envolvimento do pai encerra, no seu âmago, uma matriz multidimensional. A paternidade é, pois, pintada por uma paleta de cores bastante diversa, já que ser pai é ser protetor, modelo, professor, orientador moral, “ganha-pão” (*breadwinner*). Ser pai, tendo em conta a sua grande flexibilidade e variabilidade, é o resultado de um processo dinâmico, transacional e complementar. O envolvimento paterno tem sido, também, consequência de muitos fatores, como o aumento do nível de instrução, a redução da taxa de natalidade (Badolato, 1997), a entrada da mulher no mercado de trabalho, o aumento do número de famílias monoparentais ou o debate sobre o bem-estar das crianças (Marsiglio, 1995). Uma vez que os pais se têm mostrado cada vez mais interessados em participar na educação dos filhos (Marsiglio & Roy, 2012), as expectativas da sociedade relativamente ao papel paterno têm sido alvo de grandes mudanças (Rost, 2002).

Ainda que seja importante aumentar o contributo do pai no cuidado dos filhos, não devemos subestimar a dificuldade da evolução histórica da paternidade. Na verdade, Mintz (1998) afirmou que a amplitude de comportamentos do pai atual não é maior do que a verificada em tempos passados, nem tão pouco se deverá assumir que o papel do homem

na família se limita a uma única forma de envolvimento, visto que este poderá adotar diversas estratégias de adaptação às mudanças sócio-históricas.

1.2. Formas de envolvimento paterno

Os pais podem envolver-se com os filhos de diferentes formas, tendo em conta, também, os diferentes períodos históricos. Ainda que nunca tenha existido apenas um único papel de pai, Pleck (1984) indicou quatro fases relacionadas com a função paterna nos últimos séculos, principalmente na cultura norte-americana, onde em cada uma destas se destaca uma vertente diferente.

Em primeiro lugar, o papel de *formador moral* advém desde o século XVII até finais do século XIX, onde o pai era visto como o responsável pela supervisão e ensinamento moral, instruindo os filhos de valores religiosos da vida cristã. De seguida, surge a concetualização do pai como o *sustento económico*, onde o homem tinha a responsabilidade de sustentar a família e de reunir recursos económicos para satisfazer as necessidades familiares. Esta fase surgiu no período da Revolução Industrial, prevalecendo até meados do século XX e perdendo força durante crises económicas como o *crash* da Bolsa de Nova Iorque, em 1929. Contemporaneamente, este componente continua a ter bastante influência nos sistemas familiares, uma vez que numa família em que ambos os cônjuges são assalariados, o homem continua a ser visto como a principal fonte de rendimento, inclusivamente quando o rendimento da companheira é igual ou superior (Helms-Erikson, Tanner, Crouter, & McHale, 2000). Entretanto, após o final da II Guerra Mundial, o pai surge como um *modelo de tipificação sexual e de género*, onde o maior propósito do envolvimento paterno seria servir de modelo, principalmente para os filhos varões. A ausência do pai em combate ou no emprego fora de casa foi a justificação encontrada por analistas sociais para condições de esquizofrenia, homossexualidade, delinquência nos rapazes e promiscuidade sexual junto das raparigas (Mintz, 1998), sendo socialmente aceite que o homem adotasse uma atitude rígida, autoritária e emocionalmente distante que promovesse uma maior diferenciação dos comportamentos esperados para cada género. Ainda que os pais pudessem envolver-se em brincadeiras e atividades desportivas com os filhos, não era esperado que um homem se dedicasse aos cuidados básicos da criança e da casa, pois assumia-se que, desta forma, as crianças teriam mais dificuldade em desenvolver uma identidade sexual e de género coesa e diferenciada (Griswold, 1993). Finalmente, na década de 70, surge a figura do pai como um progenitor ativo e envolvido nos cuidados dos filhos, desempenhando o papel de *educador*. Desde então, o ser pai ativamente é tido como o cerne da paternidade. Com efeito, desde então, os pais passam mais tempo com os filhos (Banchefsky & Park, 2016) e investem o dobro do tempo no trabalho doméstico e no cuidado das crianças (Smith,

2009). É importante reconhecer a pluralidade de papéis que os pais devem desempenhar e que a importância de cada um varia de acordo com as circunstâncias individuais e os contextos do meio.

1.3. O modelo tripartido

Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1987) introduziram o modelo tripartido do envolvimento paterno que pretende dar a conhecer as diferentes variantes que a participação do pai na socialização da criança pode assumir.

A *interação* diz respeito à interação direta do pai com a criança através de tarefas de cuidador ou de atividades partilhadas (e.g., alimentação da criança, atividades de jogo, ajuda para os trabalhos de casa).

Este primeiro constructo não inclui o tempo em que a criança passa numa divisão, enquanto o pai se encontra noutra. Estes momentos são incluídos num segundo componente do modelo tripartido, a *acessibilidade*, o que implica disponibilidade física e psicológica do pai para a interação (e.g., o pai estar a cozinhar enquanto a criança brinca no seu quarto ou mesmo ao lado do pai – não se trata de interação direta, mas o pai está disponível e acessível à criança).

Por fim, surge a *responsabilidade*, o componente mais difícil de definir, mas aquele que assume uma vasta importância (Lamb, 2000). Os autores do modelo referem que a responsabilidade paterna passa pelo pai certificar-se de que a criança recebe cuidados e por reunir recursos para estar disponível para a mesma. A responsabilidade envolve atitudes como, por exemplo, saber quando a criança tem de ir ao pediatra e ser responsável por esta, efetivamente, marcar presença nessa consulta.

Mesmo que a definição de Lamb e colaboradores (1987) tenha sido crucial para a orientação da investigação científica subsequente, alguns autores criticaram-na por não incluir uma variante mais emocional. De facto, Palkovitz (2007) sinalizou o foco exclusivo no domínio comportamental da paternidade e apelou à inclusão de um domínio da emoção e da afetividade (e.g., comportamentos que envolvam carinhos, abraços e beijos) na conceitualização do envolvimento do pai.

1.4. Linhas de influência paterna

A propósito deste modelo tripartido, Marsiglio, Day e Lamb (2000) delinearam quatro linhas ou dimensões de influência paterna onde, segundo os autores, os pais exercem grande influência.

Em primeiro lugar, a *educação e cuidado* refletem formas de jogo e de divertimento com os filhos. Efetivamente, o jogo é uma componente muito relevante da interação pai-criança, sendo o homem conotado correntemente como um “parceiro” de brincadeira,

mesmo que as companheiras despendessem mais tempo em atividades desta natureza; no caso das mães, os cuidados são o fator mais evidente da interação mãe-criança (Lamb, 1992). Grande parte dos investigadores considera esta linha de influência como secundária, comparativamente com outras dimensões, ainda que desejável (Lima, 2005).

No que concerne à *orientação ética e moral*, esta está associada, sobretudo, a famílias tradicionais, e implica a presença do pai. No entanto, esta dimensão ainda é também frequentemente assumida pelas mães (Lamb, 2000).

O *sustento da família* está, como já foi referido, muito vincado ao papel do pai, uma vez que esta conceitualização perdurou desde meados do século XIX até aos movimentos de emancipação da mulher e a sua entrada para o mundo de trabalho. Devido a esta construção histórico-social, as mães estão tipicamente associadas aos cuidados e os pais desempenham a responsabilidade primária de “ganha-pão” (Pleck, 1984).

Por último, mas de uma grande influência, o *apoio emocional, prático e psicossocial por parte dos pais às companheiras* é, segundo Cummings e O’Reilly (1997), modelado pelas expectativas sociais, influenciando não só as variáveis processuais indiretamente ligadas à interação dos pais com os filhos, mas também a qualidade da relação conjugal e das dinâmicas familiares. Esta linha de influência tem origem logo no período de gestação, no qual o homem vem a assumir, frequentemente, um papel de espectador, acabando por ter mais dificuldade de expressão das suas experiências e emoções (Genesoni & Tallandini, 2009). O processo de amamentação é também percecionado como uma experiência simbiótica entre mãe e filho, o que poderá constituir uma barreira aos pais no estabelecimento de um laço vinculativo com o filho; porém, um estudo com pais suecos demonstra a importância que o apoio do pai neste processo pode ter na relação da mãe com o filho e com o restante sistema familiar (Premberg, Hellström & Berg, 2008).

Além de processos intrafamiliares, é possível perceber, através de referências anteriores neste trabalho, que as influências externas têm um grande impacto no exercício do papel de pai. Deste modo, torna-se pertinente a introdução da perspetiva bioecológica de desenvolvimento humano (Bronfenbrenner & Morris, 1998) para uma sumarização e conceitualização mais integrada do envolvimento paterno.

1.5. O envolvimento paterno segundo a perspetiva bioecológica

A perspetiva bioecológica deriva da evolução conceitual do modelo ecológico inicialmente proposto por Bronfenbrenner (1979), no clássico manual *The Ecology of Human Development*. Nesta obra, o autor discutiu a importância de níveis ecológicos inter-relacionados para o desenvolvimento humano. Nas dinâmicas parentais, o *microsistema* reflete o complexo de relações entre o sujeito e o ambiente no seu contexto imediato, ou seja, as relações entre pais e filhos no contexto familiar. O *mesossistema* abarca o conjunto

de microsistemas no qual o indivíduo está inserido, sendo exemplo a relação da escola com a família. O *exossistema* é, por sua vez, constituído por contextos entre os quais não há uma interação direta, mas que poderão ser influenciados indiretamente por intermédio da pessoa, como, por exemplo, um ambiente de trabalho pouco saudável do pai condicionar o seu envolvimento pleno e motivado com os filhos. Ainda, o *macrossistema* consiste nas influências mais distais, como a conjuntura económica, as políticas adotadas e o contexto cultural, considerando assim os valores e ideologias partilhados e a representação sociocultural daquilo que é ser pai ou ser mãe (Lima, 2009).

Estas estruturas arquitetam o *contexto* do indivíduo, sendo este uma das quatro grandes dimensões na reformulação deste modelo (Bronfenbrenner, 1992; Bronfenbrenner & Morris, 1998). Introduzindo os restantes e sem perder de vista o conceito de envolvimento paterno, a *pessoa*, dotada de características individuais (e.g., sexo, idade, recursos biológicos, temperamento, crenças, atitudes e expectativas pessoais perante o envolvimento do pai), encontra-se em constante *processo*, sendo este o mecanismo primário do desenvolvimento no qual a pessoa interage com o meio ambiente e evolui através destes processos proximais regulares e prolongados no *tempo*. Na reformulação deste modelo, Bronfenbrenner sugeriu este fator nas transições biológicas e sociais do desenvolvimento humano no que respeita às experiências de vida, idade cronológica do indivíduo, período socio-histórico e tempo de ciclo de vida familiar. O papel do pai contemporâneo é, com certeza, distinto do papel de pai antes do 25 de Abril, daí a importância de uma análise longitudinal do desenvolvimento humano. É, contudo, no microsistema que ocorrem os processos proximais mais relevantes neste processo de integração entre o indivíduo e o contexto ecológico dinâmico (Lerner, 2005), uma vez que as interações bidirecionais e transações recíprocas entre os pais e a criança constituem a base do contexto ambiental precoce da última (Sameroff & Fiese, 1990).

1.6. Determinantes do envolvimento paterno: uma visão sistémica

Após a introdução do modelo bioecológico é possível adotar um olhar analítico sobre as determinantes do envolvimento paterno nos mais variados sistemas em que o pai está inserido, sendo este envolvimento, portanto, o resultado complexo da atividade aos níveis macro, exo, meso e micro (Parke, 1996).

1.6.1. Fatores individuais

A relação do homem com a família de origem começa por ser o grande alicerce do envolvimento paterno, uma vez que, segundo a hipótese da modelagem, os homens tornam-se pais pela observação dos seus próprios pais. Cowan e Cowan (2000) sugerem que uma relação positiva com os seus pais está relacionada com maiores níveis de

envolvimento como pais; porém, segundo a hipótese da compensação, os pais podem compensar défices na relação de infância que tiveram com os pais, tornando-se mais envolvidos no desempenho deste papel (Ahlberg & Sandnabba, 1998)

Um outro tópico deste fator são as atitudes, a motivação e as competências para o papel de pai, influenciadas, mais uma vez, pela história desenvolvimental (Pleck, 1997), características da personalidade (Levy-Shiff & Israelashvili, 1988), as crenças sobre o papel de pai (McGillicuddy-DeLisi & Sigel, 1995), assim como a percepção de competência (Parke, 1995), de autoeficácia e de satisfação com o papel desempenhado (Elek, Hudson, & Bouffard, 2003).

Relativamente ao *timing* da paternidade, verifica-se que uma parentalidade precoce está associada a menores taxas de casamento e a elevadas percentagens de separação e de divórcio, o que dificulta o contacto dos pais com os filhos (Parke, 1996). Por outro lado, os pais mais velhos tendem a assumir mais responsabilidades do que os pais mais novos e estão mais acessíveis e em interação (Lima, 2005).

O sexo da criança tem, também, a sua importância, uma vez que vários estudos indicam que os pais se envolvem mais com os filhos do que com as filhas (Lamb, 2000), porém, os dados obtidos neste âmbito não são conclusivos (Yeung, Sandberg, Davis-Kean, & Hofferth, 2001). Os pais envolvem-se frequentemente em brincadeiras ao ar livre, interações de jogo “físico” e em atividades estereotipadas como masculinas, como jogar futebol e brincar com carrinhos (Golombok, 2000). Relativamente aos fatores do envolvimento paterno, a sistematização de Pleck (1997) considera, também, a idade da criança, ainda que os resultados da investigação sejam bastante divergentes (Lima, 2009); ainda assim, existem estudos que demonstram um maior envolvimento à medida que a criança vai crescendo e os pais vão obtendo um maior conhecimento da criança, e vice-versa (Averett, Genettian, & Peters, 2000), enquanto outros assumem que a autonomia que a criança e adolescentes vão assumindo dispense um envolvimento tão próximo (Lamb, 2000). Finalmente, existem estudos que demonstram uma maior proporção de interação em famílias com maior número de filhos (Pleck, 1997).

1.6.2. Fatores familiares

O envolvimento paterno está positivamente relacionado com a percepção das companheiras relativamente às suas competências como cuidador (Dickie & Gerber, 1980). Contudo, grande parte das mulheres não quer que os seus cônjuges se envolvam mais do que aquilo que já se envolvem. Esta atitude é nomeada na literatura por *gatekeeping* materno, descrita por Allen e Hawkins (1999) como um conjunto de crenças e comportamentos, conscientes ou não, que inibem um trabalho colaborativo entre o pai e a mãe no trabalho familiar. O *gatekeeping* pode ser resultado da necessidade de poder e de

autonomia da mulher em casa que não encontra nos demais contextos, de uma baixa autoestima, de uma necessidade de validação da identidade materna (Allen & Hawkins, 1999; Gaunt, 2008). Desta forma, algumas mães poderão perceber o envolvimento paterno como uma ameaça a esta validação (Allen & Hawkins, 1999). Efetivamente, estudos demonstram que o *gatekeeping* materno está negativamente correlacionado com a quantidade de envolvimento do pai (Fagan & Barnett, 2003); pelo contrário, quando as mães apoiam o envolvimento paterno, os pais tendem a envolver-se mais e a responsabilizar-se pelos seus filhos e a retirar mais prazer deste papel (DeLuccie, 1995).

Por outro lado, a qualidade da relação conjugal é um elemento importantíssimo no desempenho de uma paternidade na sua plenitude. De facto, verifica-se uma correlação positiva entre a qualidade da relação conjugal e os níveis de envolvimento paterno ao nível da responsabilidade, sendo a relação conjugal um contexto importante para o desenvolvimento da qualidade do papel do homem como pai (Bouchard & Lee, 2000). Este fator será retomado posteriormente neste trabalho.

1.6.3. Fatores extrafamiliares

O envolvimento paterno encontra-se ligado ao nível de suporte extrafamiliar disponível (e.g., amigos, colegas de trabalho, vizinhos, organizações comunitárias e/ou de carácter religioso, etc.). De forma sumária relativamente a esta rede de fatores, debruçamo-nos sobre a dualidade carreira-família, o que pode exigir um aumento do tempo dedicado pelos homens às tarefas domésticas, como resultado da redução do tempo das mulheres disponível para tal (Parke, 1996). Os pais fortemente envolvidos na sua carreira profissional ou com empregos de prestígio tendem a envolver-se menos com os filhos (Levy-Shiff & Israelashvili, 1988). Nesta linha de resultados, os homens desempregados apresentam maiores níveis de envolvimento com os filhos (Pleck, 1997).

Também o contexto escolar da criança pode estimular o envolvimento paterno. As mães continuam a ser a principal figura de articulação da escola com a família (Lamb, 2010), havendo um maior envolvimento do pai em atividades que culturalmente invoquem padrões masculinos (Fletcher & Silberberg, 2006) ou quando existem problemas a ser resolvidos, ao passo que as mães recolhem informação junto dos professores com maior frequência (Kim & Hill, 2015).

1.6.4. Fatores culturais

Nos últimos anos, parece ter emergido uma figura de um pai mais “andrógino” (Parke, 1996). Contudo, a vivência da paternidade não é uniforme e existem diferenças significativas de país para país que originam crenças culturais e atitudes distintas relativamente aos papéis de género (Hewlett, 2000), podendo os pais adotar vários novos

papeis paternos sem rejeitar ou modificar os antigos já enraizados na sociedade (Summers, Boller, Schiffman, & Raikes, 2006).

O conjunto de estereótipos dinâmicos partilhados pela sociedade tem implicações no envolvimento paterno (Banchefsky & Park, 2016), norteando o papel do pai segundo características facilitadoras de sucesso no grupo social em que estão inseridos (Diekman & Goodfriend, 2006). Como ilustração do poder destas representações sociais, Suwada (2015) afirmou que os homens que mantêm ainda uma representação social relativamente ao sustento económico como o papel principal do homem no sistema familiar apresentam níveis menores de envolvimento paterno.

Ainda a um nível exossistémico, importa conhecer o impacto das medidas legislativas e políticas de apoio à família e à participação do pai no desenvolvimento dos filhos. Nesse aspeto, a Suécia é um exemplo a seguir: em 2016, o governo sueco introduziu uma licença de paternidade remunerada de dezasseis meses, que poderá ser usufruída tanto pela mãe como pelo pai, sendo dois meses obrigatórios para o pai, podendo ser estendidos para um terceiro mês. Quanto mais dias os pais partilharem a licença parental, mais poderão receber de “bónus de género” oferecido pelo Estado, que poderá chegar à quantia de €1500 (Martinez, 2015). Estas medidas têm precisamente o objetivo de incrementar o envolvimento paterno e a igualdade de género, como já há muito este país tem feito (Premberg, Hellström, & Berg, 2008). Em Portugal, a legislação portuguesa reconhece que “os pais são iguais em direitos e deveres quanto à manutenção e educação dos filhos” (Lei n.º 120/2015 de 1 de setembro). Atualmente, o pai tem 15 dias obrigatórios, seguidos ou interpolados, de licença inicial exclusiva um mês após o nascimento do filho.

Após a referência breve de alguns determinantes do envolvimento paterno e centrando o propósito deste estudo, recuamos ao sistema familiar para sublinhar a influência da qualidade da relação conjugal no envolvimento paterno, uma vez que Belsky (1984) nomeia a relação conjugal como “o *principal sistema de apoio para os pais*” (p.87).

2. A intimidade: o alicerce das relações românticas

“(...) when your family shares a deeper intimacy and respect, problems between family members will seem lighter to bear.”
(Gottman, 1997)

A satisfação conjugal tem sido alvo de diversa investigação no que respeita ao estudo da Psicologia da Família, uma vez que a qualidade da relação conjugal influencia todo o sistema familiar (Glenn, 2001). Esta dimensão resulta da apreciação feita pelo

próprio casal do contexto relacional significativo (Narciso, Costa & Prata, 2002). São diversas as variáveis determinantes da satisfação conjugal, sendo exemplos o suporte emocional, a partilha de interesses, o compromisso, a ligação do subsistema conjugal com outros subsistemas e a intimidade (Duarte, 2005). Será nesta última sobre a qual nos vamos debruçar mais pormenorizadamente.

A palavra “intimidade” tem origem etimológica em *intimus*, isto é, “o mais interior”. Efetivamente, de entre todos os elementos estruturais de uma relação conjugal, a intimidade é, talvez, o mais abrangente e, simultaneamente, o mais complexo e controverso (Costa, 2005). Apelidada de “o alicerce do amor” por Stenberg (1998), esta é uma capacidade relacional, construída entre dois *selves* com histórias e percursos diferentes, de investir numa relação sem comprometer o sentido de individualidade (Costa, 2005). Este conceito é frequentemente associado à proximidade; contudo, é importante ressaltar que esta conceção se refere com a frequência de contacto e a proximidade física, o que não implica a atribuição de significados entrelaçados à intimidade (Narciso & Ribeiro, 2007/2008). Na verdade, só existe intimidade quando o indivíduo a experiencia como tal e lhe atribui esse significado, sendo, então, exigida uma dimensão significacional.

Prager (1995) distingue *interações de intimidade* de *relações de intimidade*, implicando, estas últimas, um processo interativo entre duas pessoas que se conhecem, sendo as suas interações futuras influenciadas pelas que se sucederam no passado (Hinde, 1981). Costa (2005) renomeia as interações de intimidade de *experiências de intimidade*, valorizando sobretudo a dimensão significacional dos comportamentos e vivências ao longo de todo o desenvolvimento do indivíduo. Deste modo, a intimidade representa um processo (e não um estado) no qual se entrelaçam diversos constructos (Narciso & Ribeiro, 2007/2008).

Amar e ser amado é, portanto, uma condição valiosa no processo de construção do *self* ao longo do ciclo de vida, e só desta forma se reúnem condições para se estabelecerem relações de intimidade com os outros (Costa, 2005), sendo a intimidade, portanto, um processo multissistémico, inter e intrapessoal (Costa, 1996). Bowlby (1958) postulou na sua teoria etológica da vinculação que a oportunidade da qual a criança dispõe de obter disponibilidade emocional consistente por parte da mãe ditará a sua capacidade em criar laços vinculativos que facilitem comportamentos de exploração e sentimentos de competência social, desenvolvendo-se, assim, o seu modelo interno dinâmico, isto é, a estrutura mental que integra o modelo do seu *self* como competente e merecedor de amor, assim como o modelo do outro como figura disponível e de confiança. É, também, através do exemplo dos pais e da sociedade que surge a intimidade, gerando-se uma construção representativa daquilo que é um casal. Posteriormente, este indivíduo crescerá e procurará também encontrar o seu par amoroso, repetindo-se este ciclo uma vez mais. Neste sentido,

é fundamental a percepção da intimidade como uma construção pessoal e social que tem início desde tenra idade, num processo contínuo de desenvolvimento segundo relações de vinculação seguras (Costa, 2005). De acordo com a proposta integrativa do desenvolvimento da intimidade de Costa (2005) que incorpora a perspetiva eriksoniana com a teoria da vinculação, o jovem adulto construirá a sua relação de intimidade de acordo com a articulação dialética entre o *ser* e *estar* numa relação, de acordo com o seu sistema de vinculação prévio (ainda que em constante atualização) e a realização das tarefas básicas de desenvolvimento dos estádios psicosexuais anteriores.

De acordo com Narciso (2000), o cerne da intimidade passa por vários constructos. Em primeiro lugar, o *amor* como uma configuração dinâmica de sentimentos que desempenham afetos, cognições e comportamentos conjugados na primeira e segunda pessoa, o “eu” e o “tu”, tendo cada uma destas duas entidades características específicas e bem diferenciadas. Não sendo este processo uma fusão, mas sim uma integração, surge com o tempo um “nós” que se traduz numa identidade de casal. A *autorrevelação* dá forma a este “nós” relacional, na medida em que cada parceiro se dá a conhecer ao outro, promovendo-se o desenvolvimento de perspetivas, objetivos e decisões conjuntas (Narciso & Ribeiro, 2007/2008). Importa também a componente da *partilha*, isto é, aquilo que oferecemos ao nosso parceiro, seja em termos psicológicos, ou de bens materiais e cuidados. Por sua vez, o *apoio emocional*, ou seja, o sentimento de compreensão, aceitação, valorização, respeito, proteção, escuta ativa e empatia, é uma fonte essencial de bem-estar psicológico e de saúde física (Narciso & Ribeiro, 2007/2008). Também a *confiança* reveste a pele da intimidade, implicando uma percepção positiva do parceiro e da relação através do comportamento positivo e coerente do parceiro e uma evidência de expectativas positivas sobre a resolução de problemas. Por sua vez, a *mutualidade* na coautoria de uma história a dois é imperativa numa realidade relacional partilhada, o que dá vida à identidade de casal mergulhada em significados partilhados. Ainda, a *interdependência* refere-se à dinâmica entre a pertença e a autonomia, num equilíbrio entre a dependência e a interdependência enquadrado num subsistema com fronteiras bem delineadas, embora flexíveis. Por fim, a *sexualidade*, fundamental para a manutenção de relações amorosas, é uma experiência e expressão de amor numa relação de intimidade adulta (Costa, 2011), pautada por uma componente “física” de frequência das relações sexuais e respetiva qualidade, e uma componente mais “psicológica” que comporta todas as dimensões referidas previamente (Narciso, 2000).

A literatura reporta que existem diferenças de género no que toca à experiência de intimidade (Costa, 2005; Patrick & Beckenbach, 2009). As mulheres privilegiam a comunicação verbal, a partilha e a proximidade física, sendo esperado que o homem demonstre o amor pela companhia de forma mais instrumental e assertiva que evidencie

a sua posição de poder, recorrendo a uma menor autorrevelação dos seus sentimentos (Hook, Gernstein, Detterich, & Gridley, 2003). Os homens tendem a reportar níveis inferiores de intimidade que as mulheres (Heller & Wood, 1998), porém, esta surge no sexo masculino fortemente associada ao desejo e satisfação sexual (Štulhofer, Ferreira, & Landripet, 2014).

Relativamente à investigação nesta área, Hook e colaboradores (2003) acusaram a comunidade científica de assumir uma abordagem “feminina” da intimidade, o que, de certa forma, limita a compreensão das experiências de intimidade por parte dos homens. Os resultados do estudo exploratório de Patrick e Beckenbach (2009) relativamente às perceções masculinas da intimidade revelaram que os participantes demonstraram interesse na expressão emocional, encarando a intimidade como um lugar onde podem assumir a sua identidade e ver os seus medos validados. Contudo, ainda que a relação conjugal dispensasse a assunção permanente da masculinidade socialmente construída, nenhum destes homens demonstrou vontade em não se reger segundo estas expectativas sociais. Não obstante, importa ressaltar que a relevância da intimidade nos homens está a crescer, o que poderá ser devido à constante mudança das expectativas de papéis de género (Pedersen & Blekesaune, 2003). Tal reflexão vai ao encontro de Costa (2005) que afirma que existem mais semelhanças do que, efetivamente, diferenças entre homens e mulheres no que respeita à vivência e valorização da intimidade, apesar de a investigação, em tempos, se ter focado unicamente na procura de diferenças de género, o que acabou por criar uma imagem dicotómica de dois mundos diferentes, o mundo masculino e o mundo feminino. O género é, pois, coconstruído nas interações sociais e particularmente nas relações de intimidade.

3. Qual a relação entre a intimidade e o envolvimento paterno?

*“The kind of mother-father relationship most conducive to responsible fathering... is a caring, committed, collaborative marriage”
(Doherty, Kouneski, & Erickson, 1998, p.286)*

Ainda que não tenham sido encontrados estudos específicos sobre a relação do constructo particular que é a intimidade com envolvimento parental, os resultados da literatura evidenciam a relação conjugal no seu todo como uma importante fonte de apoio para pais, estando esta positivamente correlacionada com a qualidade da relação dos pais com os filhos; efetivamente, uma relação conjugal deteriorada afeta o bem-estar psicológico de cada parceiro e poderá afetar as atitudes parentais e a motivação para o

envolvimento. Com efeito, pais mais satisfeitos a nível conjugal reportam mais confiança e prazer no seu papel de pai (Grych & Clark, 1999). Na verdade, a díade pai-filho parece estar mais dependente da qualidade da relação conjugal do que a díade mãe-filho (Belsky, Youngblade, Rovine, & Volling, 1991).

Desde logo, a transição para a parentalidade é um período de alterações nas dinâmicas do sistema familiar, o que tem repercussões, obviamente, no subsistema conjugal. De facto, assiste-se a um padrão de desafeição no casamento, em consequência do tempo restante só para o casal ser escasso. Este processo reflete-se no decréscimo da espontaneidade e na rigidificação de papéis, como referem, por exemplo, Cowan e Cowan (2000), "*Pais não têm relações sexuais*". Os padrões conjugais socioemocionais, como o tempo conjunto em atividades de lazer, o comportamento um com o outro e a frequência da atividade sexual, diminuem no período pós-natal e o conflito aumenta (Belsky, Lang, & Rovine, 1985); contudo, ocorrendo uma gestão eficiente desta divergência, tal poderá promover a intimidade do casal (Gottman & Krokoff, 1989). Os resultados da literatura confirmam que os homens, em situação de conflito conjugal, adotam mais estratégias de retirada do que as mulheres (Levenson & Gottman, 1983), o que afeta também a relação com os filhos (Calzada, Eyeberg, Rich, & Querido, 2004).

As discrepâncias nas expectativas por parte das mães e pais relativamente ao papel que cada um desempenha é também um fator determinante da intimidade após o nascimento do filho. Belsky, Ward e Levine (1986) reportaram uma diminuição da satisfação conjugal quando as expectativas da mulher sobre o envolvimento do cônjuge como pai não eram correspondidas. McDermid, Huston e McHale (1990) encontraram um impacto negativo maior quando se encontra uma discrepância entre as atitudes de género dos cônjuges e divisão das tarefas domésticas e do cuidado dos filhos. Partindo das mães, as mulheres que adotam um papel igualitário e não tradicional dos papéis de género acabam por apoiar mais intensivamente a participação dos pais (Hoffman & Moon, 1999). Efetivamente, as crianças e adolescentes parecem beneficiar de uma família na qual os pais e as mães partilham de forma mais equitativa o sustento económico e o cuidado (Amato, 1998). Desta forma, a literatura sugere que as discrepâncias nas expectativas parentais sobre papéis, mais do que a mudança, podem ser moderadoras da satisfação conjugal do homem depois da transição para a paternidade. No entanto, Pleck e Masciadrelli (2004) sublinharam que a relação conjugal é, simultaneamente, determinante e consequência do envolvimento paterno, pode este aumentar o consenso e o acordo sobre a distribuição de responsabilidades e, conseqüentemente, a satisfação conjugal (Allen & Daly, 2000; Belsky, 1984; Cowan & Cowan, 2000),

Mesmo dentro de uma relação conjugal satisfatória, o envolvimento paterno depende das atitudes e expectativas da mãe, o que inclui também o nível de

comportamentos *gatekeeping*, assim como a exigência do trabalho destas (DeLuccie, 1995; Doherty et al., 1998). A competência manifestada pelo pai na interação com os filhos relaciona-se com a sua satisfação conjugal (Beslky, 1984), desempenhando as mães um papel relevante neste domínio, pois quando consideram os companheiros competentes prestadores de cuidados, facilitam o seu envolvimento com os filhos (Parke, 1995) e vice-versa (Bronfenbrenner, 1995).

4. Pressupostos-base de investigação

Uma parentalidade bem-sucedida deverá ser considerada, como demonstrámos, segundo variadas dimensões nos quais o homem e a mulher definem em conjunto as suas necessidades e papéis (Lamb, 1998). Bronfenbrenner (1995) afirma que “*para entrar na dança do desenvolvimento são precisas três pessoas*” (p.119). O contributo plural de pai e de mãe remete para a significância de um envolvimento consistente entre o pai e a criança, promotor do desenvolvimento (Lima, Serôdio, & Cruz, 2011). Para percebermos o desenvolvimento da criança, torna-se fulcral conhecer a relação do pai com a criança, assim como a relação entre ambos os pais (Cowan & Cowan, 2000).

Com efeito, uma relação conjugal de qualidade é um ótimo contexto para promover uma paternidade responsável (Doherty et al., 1998). Na verdade, o apoio das mães pode efetivamente aumentar a qualidade da paternidade (Amato, 1998). Uma coparentalidade positiva modela competências relacionais importantes, como a providência de suporte emocional, a resolução de conflitos eficiente, a demonstração de respeito e a implementação de padrões de comunicação abertos e positivos. De acordo com Parke (2002), a paternidade bem-sucedida é mais dependente numa relação conjugal apoiante do que a maternidade, uma vez que o nível de participação é influenciado pela permissão da mãe (Allen & Hawkins, 1999), o papel do pai é menos articulado e definido que o da mãe, e os homens, tipicamente, têm menos oportunidades de adquirir e praticar competências nas atividades de cuidados (Parke & Brott, 1999). Assim, assumia-se que relação mãe-filho dispõe de uma base biológica, ao passo que a relação de vinculação com o pai seria menos “programada” de um ponto de vista evolutivo, o que requeria um casamento apoiante e envolvimento atual para esta relação emergir (Feldman, 2000).

Perante toda a informação apresentada, neste estudo propõe-se explorar a relação entre os níveis de intimidade do casal e o envolvimento paterno, mais precisamente ao nível da assunção da responsabilidade, estabelecendo-se a hipótese de que os maiores níveis de envolvimento paterno se encontram nos casais com maiores níveis de intimidade. No entanto, esta relação não é um fenómeno causa-efeito, uma vez que consideramos que as representações parentais poderão moderar o efeito da intimidade na responsabilidade

paterna; torna-se, assim, fundamental a consideração deste pano de fundo que é a representação de ambos os parceiros sobre que é ser pai e as funções que este deve desempenhar.

Tendo em conta a questão central de investigação, vamos ainda comparar os níveis de envolvimento paterno com os níveis de envolvimento materno e analisar os efeitos de outras variáveis mais específicas na assunção de responsabilidade por parte do pai (sexo e idade das crianças, número de filhos, tempo de relacionamento conjugal, idade, nível de escolaridade e situação profissional dos participantes).

II. Método

2.1. Participantes

Neste estudo participaram 62 casais (sexo masculino, $n = 62$; sexo feminino, $n = 62$)¹, com pelo menos um filho menor de idade em comum e em situação de coabitação. Inicialmente, foram selecionados indivíduos com as características desejadas que acabaram por indicar outros sujeitos que partilhavam desses requisitos, criando-se, assim, uma amostragem por “bola de neve”.

A idade dos pais varia entre os 24 e os 58 anos ($M = 41.68$, $DP = 8.25$), enquanto as mães apresentam idades compreendidas entre os 23 e os 53 anos ($M = 40.00$, $DP = 7.16$). Não foram encontradas diferenças significativas entre a média de idades dos sujeitos do sexo masculino e a média de idades dos participantes do sexo feminino [$t(122) = 1.21$, ns]². O tempo de relacionamento destes casais encontra-se compreendido entre 1 e 31 anos ($M = 15.84$, $DP = 6.97$).³

No que concerne ao nível de escolaridade dos participantes, este varia entre o 4.º ano e o mestrado. Não existe relação entre o sexo dos participantes e as suas habilitações literárias [$\chi^2(1, 124) = 7.38$, ns].⁴ Relativamente à situação profissional, 114 dos 124 inquiridos encontram-se atualmente empregados, havendo uma maior proporção de mães desempregadas [$\chi^2(1, 124) = 3.92$, $p = .05$].⁵

¹ Foram eliminados da amostra os casais que não procederam à entrega de todos os seus questionários preenchidos e aqueles que se reportaram a filhos fora da faixa etária pretendida.

² As idades dos pais e mães foram categorizadas em dois grupos de acordo com a mediana de idades ($M = 42$): (1) – pais mais novos, dos 23 aos 42 anos ($n = 67$); (2) – pais mais velhos, dos 43 aos 58 anos ($n = 57$).

³ Os participantes foram distribuídos em dois grupos de acordo com a mediana do tempo de relacionamento conjugal ($M = 16$): (1) – de 1 a 15 anos ($n = 56$); (2) – dos 16 aos 31 anos ($n = 66$). Um casal não indicou o seu tempo de relacionamento.

⁴ Os participantes foram categorizados em três grupos: (1) – participantes com habilitações literárias compreendidas entre o 4.º e o 11.º ano de escolaridade ($n = 54$); (2) - participantes com o 12.º ano de escolaridade ($n = 33$); (3) - participantes com o Ensino Superior, desde o bacharelato ao mestrado ($n = 37$).

⁵ A situação profissional não foi considerada na análise de resultados, dado o número reduzido de sujeitos desempregados na amostra.

O número de filhos de cada indivíduo varia entre 1 e 3 filhos ($M = 1.65$, $DP = 0.60$)⁶, sendo que a idade dos filhos aos quais os participantes se reportam varia entre os 0 e os 17 anos ($M = 9.19$, $DP = 5.93$)⁷.

2.2 Instrumentos

2.2.1. Ficha sociodemográfica

Solicitou-se aos participantes que indicassem alguns dados sociodemográficos, sendo estes a idade, sexo, nível de escolaridade, situação profissional, profissão, tempo de relacionamento conjugal, número de filhos e o sexo e idade do filho a que se reportariam no seguinte instrumento. No caso de o casal ter mais do que um filho em comum era pedido que ambos os cônjuges se reportassem ao mesmo filho.

2.2.2. Escala de Responsabilidade Parental – versão adaptada

A Escala de Responsabilidade Parental – ERP (Lima, 2009) é usualmente utilizada para avaliar a percepção das crianças relativamente à forma como os pais assume responsabilidades parentais. No entanto, no nosso estudo, a escala foi adaptada de forma a ser respondida pelo pai e também pela mãe relativamente à sua própria percepção de assunção de responsabilidade parental. As questões da escala foram também reformuladas de forma a abranger a responsabilidade parental com filhos e filhas menores de idade.⁸ Este instrumento adaptado é assim composto por 29 itens com escala de autorrelato de seis níveis de resposta: “não se aplica (=0)”⁹, “nunca (= 1)”, “raramente” (= 2), “algumas vezes” (= 3), “muitas vezes” (= 4) e “sempre” (= 5).

A escala é constituída por quatro subescalas relativas às seguintes dimensões: Cuidados e Interesse (assunção de responsabilidades implicando o interesse pelos cuidados e o quotidiano pela criança), Apoio Emocional e Estimulação (assunção de responsabilidade pelo bem-estar emocional do filho), Escola (formas que relacionam o envolvimento nas atividades escolares) e Autoridade e Disciplina (responsabilidade com aspetos relativos à autoridade, supervisão e disciplina em casa).

⁶ Tendo em conta que os participantes apenas se reportaram apenas a um dos filhos, dividimos o número de filhos segundo dois grupos: (1) – pais com um filho único ($n = 51$); (2) – pais com mais do que um filho ($n = 73$).

⁷ As idades dos filhos foram recodificadas em três grupos etários: (1) – crianças entre os 0 e os 5 anos ($n = 42$); (2) – filhos com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos ($n = 34$); (3) – adolescentes dos 13 aos 17 anos ($n = 47$)

⁸ Um exemplo destes ajustes será a Questão 1 da escala original “O teu pai vai às reuniões da tua escola?”, tendo sido adaptada para “Vai às reuniões do jardim de infância/da escola do seu filho/filha?”.

⁹ Um exemplo será a resposta à Questão 1 “Vai às reuniões do jardim de infância/da escola do seu filho/filha?” relativamente a uma criança de idade pré-escolar que não frequente o jardim de infância

Relativamente aos testes de fidelidade, a consistência interna da escala global é de $\alpha = .91$. Nos quatro fatores foram obtidos os seguintes valores: Cuidados e Interesse: $\alpha = .87$; Apoio Emocional e Estimulação: $\alpha = .86$; Escola: $\alpha = .65$; Autoridade e Disciplina: $\alpha = .55$.

O Quadro 1 apresenta a distribuição dos itens desta escala pelas quatro dimensões.

Quadro 1 - *Distribuição dos itens da ERP pelas quatro dimensões da escala.*

Domínio	Item
Cuidados e Interesse	3, 8, 9, 12, 13, 14, 17, 19, 23
Apoio Emocional e Estimulação	2, 5, 10, 11, 15, 16, 18, 21, 22, 25, 26, 27, 29
Escola	1, 4, 6, 28
Autoridade e Disciplina	7, 20, 24

2.2.3. Escala das Dimensões da Intimidade

Com o objetivo de avaliar a dimensão da intimidade no contexto de uma relação conjugal, foi aplicada a Escala das Dimensões da Intimidade – EDI (Crespo, Narciso, Ribeiro, & Costa, 2006). Esta escala está disponível segundo duas versões: uma feminina e uma masculina. Ambas são compostas pelos mesmos 43 itens, com os níveis de resposta “discordo totalmente” (= 1), “discordo” (= 2), “neutro” (= 3), “concordo” (= 4) e “concordo totalmente” (= 5), que incluem aspetos de cariz comportamental, cognitivo e emocional de impossível dissociação (Crespo et al., 2006).

A EDI está organizada segundo dois fatores. O primeiro diz respeito à Interdependência, que avalia sentimentos, autorrevelação, partilha construtiva, apoio emocional, confiança, mutualidade e sexualidade, isto é, aspetos positivos da intimidade na relação conjugal que permitem a criação de um espaço relacional partilhado onde exista diferenciação de *se/ves*. Neste sentido, uma pontuação elevada neste fator demonstra um grau elevado de interdependência na relação conjugal, refletindo uma vivência equilibrada e construtiva nos conceitos anteriormente referidos. O segundo fator é relativo à Dependência, composto por itens relativos à insegurança e vulnerabilidade no processo de diferenciação individual nas mesmas dimensões, incluindo, também, aspetos transversais às dimensões sentimentos, autorrevelação, partilha, apoio emocional, confiança e mutualidade. Por sua vez, uma pontuação elevada neste fator representa a existência de dependência em relação ao cônjuge, evitamento do conflito e desvalorização do *self*. Estes dois fatores, apesar de distintos, não são opostos e podem coexistir, o que significa que um indivíduo, segundo uma visão dialética, poderá apresentar simultaneamente aspetos de partilha construtiva e sentimentos de insegurança e dependência. Ainda que as

experiências de intimidade só ocorram quando existe interdependência no casal, não é possível a análise das relações de intimidade sem conceitualizar esta interação dinâmica entre ambas as dimensões.

Dos 43 itens desta escala, 30 correspondem ao primeiro fator, responsável por 29.37% da variância, e 13 ao segundo fator, que traduziu 9.12% da variância. A análise da consistência interna efetuada por Crespo e colaboradoras comprovou valores de $\alpha = .95$ para o fator interdependência e de $\alpha = .78$ para o fator dependência, apresentando, portanto, qualidades psicométricas apropriadas e uma estrutura fatorial idêntica para ambos os sexos.

O Quadro 2 apresenta a distribuição dos itens pelas duas dimensões existentes.

Quadro 2 - Distribuição dos itens da EDI pelas duas dimensões da escala.

Domínio	Item
Interdependência	1, 3, 4, 5, 7, 8, 10, 12, 13, 14, 16, 17, 19, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 29, 31, 32, 33, 35, 36, 38, 39, 41, 42, 43
Dependência	2, 6, 9, 11, 15, 18, 20, 24, 28, 30, 34, 37, 40

2.2.4. Questionário sobre as representações dos papéis parentais

Com o objetivo de recolher informação relativa às representações sociais de cada participante sobre os papéis parentais, este questionário continha duas questões de resposta aberta: “Para si, o que é ser pai e que funções envolve esse papel?” e “Para si, o que é ser mãe e que funções envolve esse papel?”, tendo sido solicitado que se respondesse a ambas as questões, independentemente do sexo do inquirido, como forma de avaliar a percepção do papel assumido pelo parceiro e as diferenças relativamente ao seu próprio papel no domínio da parentalidade.

2.3. Procedimento

Antes da entrega dos questionários, as regras de participação foram explicitadas aos membros do casal e garantidos a confidencialidade e o anonimato das respostas, assim como o seu direito de desistir a qualquer momento do processo de resposta, de forma a obter o seu consentimento.

Os quatro questionários foram entregues a ambos os membros do casal em momentos temporais diferentes, evitando-se assim o enviesamento das respostas num

preenchimento imediato e consecutivo, uma vez que a resposta a cada questionário poderia incitar uma reflexão sobre o papel do próprio ou do parceiro nos subsistemas conjugal e parental. O intervalo de resposta entre cada questionário foi de, pelo menos, um mês. Todos os casais preencheram em primeiro lugar o questionário sociodemográfico. Alguns responderam depois à EDI e finalmente à ERP, ao passo que, noutros casais, a ordem de entrega destes dois últimos instrumentos foi a inversa. Este processo teve como objetivo a neutralização da influência que estas escalas poderiam exercer sobre as respostas uma da outra. Por sua vez, o questionário das representações parentais foi sempre o último a ser preenchido pelos participantes.

Sendo a nossa amostra de “bola de neve”, o que significa que alguns participantes se demonstraram responsáveis por recolher os questionários de conhecidos que aceitaram participar, foi pedido que cada participante selasse o envelope que lhe fora entregue, para assim proteger a confidencialidade dos seus dados. Antes da entrega de cada questionário, foi adicionado no verso da primeira folha um código numérico, específico para cada participante, para ser possível fazer-se a associação aos questionários que seriam entregues posteriormente.

2.4. Análise de dados

Os dados da ERP e EDI foram introduzidos numa base de dados e analisados através do *IBM SPSS Statistics*, versão 23.0 para Windows. Os procedimentos estatísticos incluem análises de estatística descritiva, comparações de médias, análises de variância (ANOVA) e análises de correlação, atendendo-se aos pressupostos inerentes a cada teste.

Para a análise das respostas escritas, foi realizada uma análise de conteúdo segundo uma abordagem indutiva, isto é, em primeiro lugar procedeu-se a uma leitura inicial das respostas dos sujeitos para agrupar esta informação “bruta” segundo categorias que compreendem diversos conceitos-chave idênticos para pais e mães (cf. Anexo 7). Seguidamente, realizou-se uma nova leitura das respostas para se contabilizar a frequência desses conceitos-chave relativos a pais e mães separadamente, recorrendo-se ao *SPSS*. Após a primeira leitura, foram criadas as seguintes categorias: (1) – Cuidados e Interesse; (2) – Apoio Emocional e Estimulação; (3) – Escola; (4) – Autoridade e Disciplina; (5) – Gestação, nascimento e amamentação; (6) – Novo sentido de ser e de estar; (7) – Sacrifício; (8) – Tipificação sexual e orientação; (9) – Gestão familiar; (10) – Predominância do papel de mãe em algum domínio; (11) – Predominância do papel de pai em algum domínio; (12) – Igualdade de funções entre pai e mãe. As primeiras quatro categorias são idênticas aos domínios da ERP, tendo sido as restantes acrescentadas em função das respostas dos participantes.

III. Resultados

Nesta secção, reportamo-nos à análise dos resultados obtidos. Para a ERP e EDI, debruçamo-nos, primeiramente, sobre os dados obtidos pelos pais, sendo estabelecida, posteriormente, uma breve comparação destes com os resultados das mães.

3.1. A responsabilidade paterna e suas características¹⁰

De forma global, os pais reportam que assumem responsabilidade “muitas vezes” [$t(38) = 1.13$, *ns*]. A ANOVA de medidas repetidas revela a existência de diferenças significativas entre as dimensões da escala [$F(2.67, 101.52) = 11.40$, $p < .001$, $\eta^2 = .30$]¹¹. Desta forma, os pais apresentam maiores níveis de envolvimento ao nível dos Cuidados e Interesse ($M = 4.43$, $DP = 0.39$), assumindo a responsabilidade mais do que “muitas vezes” [$t(49) = 7.70$, $p < .001$] e menos do que “sempre” [$t(49) = 10.35$, $p < .001$]. As outras dimensões não diferem entre si, assumindo os pais responsabilidade ao nível da Autoridade e Disciplina mais do que “algumas vezes” [$t(47) = 8.94$, $p < .001$] e menos do que “muitas vezes” [$t(47) = 3.56$, $p = .001$], e “muitas vezes” ao nível do Apoio Emocional e Estimulação [$t(45) < 1$, *ns*] e Escola [$t(53) < 1$, *ns*].

Quadro 3 – Médias e desvios-padrão das diferentes dimensões da ERP.

Dimensões da ERP	Pais	
Cuidados e Interesse	<i>M</i>	4.43
	<i>(DP)</i>	(0.39)
Apoio Emocional e Estimulação	<i>M</i>	3.95
	<i>(DP)</i>	(0.47)
Escola	<i>M</i>	4.01
	<i>(DP)</i>	(0.78)
Autoridade e Disciplina	<i>M</i>	3.71
	<i>(DP)</i>	(0.55)
TOTAL	<i>M</i>	4.06
	<i>(DP)</i>	(0.36)

¹⁰ Não foram encontradas diferenças significativas entre os diferentes grupos de pais em função da idade do filho, número de filhos e nível de escolaridade.

¹¹ A esfericidade foi testada através do teste Mauchly's ($= .71$, $p = .03$) sendo consequentemente utilizada a medida Huynh-Feldt nas análises.

3.1.1. Análise da responsabilidade paterna em função da idade do pai

Não foram encontradas diferenças no total de responsabilidade entre pais mais novos e pais mais velhos [$t(37) < 1$]; contudo, existem diferenças significativas na dimensão Apoio Emocional e Estimulação [$t(44) = 2.68, p = .01$], verificando-se que os pais mais novos ($M = 4.19, DP = 0.40$) assumem mais responsabilidade ao nível do bem-estar emocional dos filhos do que os pais mais velhos ($M = 3.82, DP = 0.46$). Porém, os pais de ambas faixas etárias assumem esta responsabilidade “muitas vezes” [mais novos: $t(15) = 1.92, ns$; mais velhos: $t(29) = 2.06, ns$].

Quadro 4 - Assunção da responsabilidade paterna em função da idade do pai.

Dimensões da ERP	Idade do pai			
	Mais novos	Mais velhos	t (p)	
Cuidados e Interesse	M (DP)	4.42 (0.35)	4.43 (0.42)	$t(48) < 1$
Apoio Emocional e Estimulação	M (DP)	4.19 (0.40)	3.82 (0.46)	$t(44) = 2.68$ $p = .01$
Escola	M (DP)	4.10 (0.73)	3.94 (0.83)	$t(52) < 1$
Autoridade e Disciplina	M (DP)	4.10 (0.73)	3.94 (0.83)	$t(52) < 1$
TOTAL	M (DP)	4.13 (0.39)	4.03 (0.35)	$t(37) < 1$

3.1.2. Análise da responsabilidade paterna em função do sexo do filho

Globalmente, não foram encontradas diferenças de percepção de assunção de responsabilidade dos pais com rapazes e raparigas [$t(36) < 1$]. Porém, verifica-se um efeito tendencialmente significativo na dimensão Escola [$t(51) = 1.82, p = .075$] para um maior envolvimento do pai com filhos do sexo feminino ($M = 4.21, DP = 0.64$) do que com filhos do sexo masculino ($M = 3.83, DP = 0.86$). Neste domínio, os pais assumem a responsabilidade “muitas vezes” independentemente do sexo do filho [rapazes: $t(23) < 1$; raparigas: $t(28) = 1.74, ns$].

Quadro 5 – Assunção da responsabilidade paterna em função do sexo do filho.

Dimensões da ERP		Sexo do Filho		<i>t</i> (<i>p</i>)
		Masculino	Feminino	
Cuidados e Interesse	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.47 (0.36)	4.43 (0.38)	<i>t</i> (47) < 1
Apoio Emocional e Estimulação	<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.93 (0.56)	3.99 (0.38)	<i>t</i> (43) < 1
Escola	<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.83 (0.86)	4.21 (0.64)	<i>t</i> (51) = 1.82 (<i>p</i> = .075)
Autoridade e Disciplina	<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.61 (0.67)	3.79 (0.47)	<i>t</i> (45) = 1.03 <i>ns</i>
TOTAL	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.06 (0.40)	4.09 (0.31)	<i>t</i> (36) < 1

3.1.3. Análise em função do tempo de relacionamento conjugal

De forma geral, não existem diferenças significativas entre os níveis de responsabilidade dos pais numa relação conjugal de menor longevidade e os pais numa relação conjugal mais longa [$t(37) = 1.10$, *ns*]. Existem apenas diferenças significativas na dimensão Apoio Emocional e Estimulação [$t(34) = 2.14$, $p = .04$], sendo que os pais numa relação conjugal mais curta ($M = 4.16$, $DP = 0.45$) apresentam maiores níveis de responsabilidade do que os pais numa relação conjugal de maior duração ($M = 3.85$, $DP = 0.45$). Porém, em ambos os grupos os pais assumem a responsabilidade “muitas vezes” [relacionamento mais curto: $t(13) = 1.32$, *ns*]; relacionamento mais longo: $t(30) = 1.87$, *ns*].

Quadro 6 – Assunção da responsabilidade paterna em função do tempo de relacionamento conjugal.

Dimensões da ERP		Tempo de relacionamento conjugal		
		1-15 anos	16-31 anos	T (p)
Cuidados e Interesse	M (DP)	4.47 (0.29)	4.40 (0.44)	t (48) < 1 ns
Apoio Emocional e Estimulação	M (DP)	4.16 (0.45)	3.85 (0.45)	t (43) = 2.14 p = .04
Escola	M (DP)	4.15 (0.75)	3.93 (0.82)	t (51) < 1 ns
Autoridade e Disciplina	M (DP)	3.74 (0.58)	3.69 (0.56)	t (45) < 1 ns
TOTAL	M (DP)	4.16 (0.38)	4.02 (0.35)	t (37) = 1.10 ns

3.2. A responsabilidade parental numa comparação entre pais e mães¹²

O teste *t*-student efetuado indica que, globalmente, os pais ($M = 4.07$, $DP = 0.36$) não diferem das mães ($M = 4.31$, $DP = 0.25$) ao nível da assunção de responsabilidade [$t(79) = 3.72$, $p < .001$]. A um nível de análise mais detalhado, os pais e mães diferem ao nível da dimensão Cuidados e Interesse [$t(70.88) = 5.42$, $p < .001$]. Nesta, os pais ($M = 4.33$, $DP = 0.39$) reportam menores níveis de responsabilidade do que as mães ($M = 4.76$, $DP = 0.19$), assim como no domínio Escola [$t(91.37) = 4.25$, $p < .001$], onde as mães ($M = 4.76$, $DP = 0.19$) também demonstram uma maior participação comparativamente com os pais ($M = 4.01$, $DP = 0.78$).¹³

¹² Os grupos criados são os mesmos para pais e mães, uma vez que não se verificaram diferenças significativas em nenhuma das variáveis consideradas.

¹³ As mães assumem a responsabilidade mais do que “muitas vezes” [CI: $t(50) = 28.33$, $p < .001$; E: $t(52) = 7.87$, $p < .001$] e menos do que “sempre” [CI: $t(50) = 8.93$, $p < .001$; E: $t(52) = 6.39$, $p < .001$] nas dimensões Cuidados e Interesse e Escola, “muitas vezes” ao nível do Apoio Emocional e Estimulação [$t(47) = 1.37$, ns] e mais do que “algumas vezes” [$t(48) = 10.04$, $p < .001$] e menos do que “muitas vezes” [$t(48) = 2.16$, $p = .04$] no que concerne à Autoridade e Disciplina.

Quadro 7 – Diferenças entre pais e mães ao nível das dimensões da ERP.

<i>Dimensões da ERP</i>		Participantes		<i>t</i> (<i>p</i>)
		Pais	Mães	
Cuidados e Interesse	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.43 (0.39)	4.76 (0.19)	<i>t</i> (70.88) = 5.42 (<i>p</i> < .001)
Apoio Emocional e Estimulação	<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.95 (0.47)	4.07 (0.37)	<i>t</i> (92) = 1.37 <i>ns</i>
Escola	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.01 (0.78)	4.55 (0.51)	<i>t</i> (91.37) = 4.25 (<i>p</i> < .001)
Autoridade e Disciplina	<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.71 (0.55)	3.82 (0.57)	<i>t</i> (95) < 1 <i>ns</i>
TOTAL	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.07 (0.36)	4.31 (0.25)	<i>t</i> (79) = 3.72 (<i>p</i> < .001)

3.2.1. Médias e desvios-padrão dos itens da ERP

No Quadro 8, são apresentadas as médias e desvios-padrão dos diferentes itens da ERP onde se verificam diferenças significativas entre pais e mães. Conforme esses dados, conclui-se que as mães relatam um maior nível de responsabilidade em todos os itens considerados comparativamente com os pais.

Quadro 8 – Médias e desvios-padrões dos itens da ERP.

Dimensões e descrição dos respetivos itens		Pais	Mães	<i>T</i> (<i>p</i>)
Cuidados e Interesse				
3. Cuida do seu filho/filha ou leva-o/a ao médico quando ele/a está doente?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.42 (0.82)	4.94 (0.31)	<i>t</i> (122) = 4.64 (<i>p</i> < .001)
9. Preocupa-se em que o seu filho/filha faça uma alimentação adequada?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.45 (0.69)	4.74 (0.44)	<i>t</i> (122) = 2.78 (<i>p</i> = .01)
12. Compra com o seu filho/filha a roupa e calçado dele/a?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.32 (0.55)	4.16 (0.96)	<i>t</i> (119) = 4.70 (<i>p</i> < .001)
13. Preocupa-se em que o seu filho/filha durma o suficiente e que se deite a horas adequadas?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.48 (0.65)	4.82 (0.39)	<i>t</i> (112) = 3.55 (<i>p</i> = .001)

Dimensões e descrição dos respetivos itens		Pais	Mães	T (p)
14. Mostra interesse pelo aproveitamento pré-escolar/escolar do seu filho/filha?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.77 (0.51)	4.82 (0.39)	$t(105) = 2.26$ ($p = 0.03$)
Apoio Emocional e Estimulação				
18. Conversa com o seu filho/filha quando ele/a está preocupado/a ou triste?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.37 (0.76)	4.78 (0.54)	$t(106) = 3.22$ ($p = .002$)
26. Quando o seu filho/filha precisa de um conselho, vai pedi-lo a si?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.34 (0.77)	3.82 (0.67)	$t(97) = 3.28$ ($p = .001$)
Escola				
1. Vai às reuniões do jardim de infância/da escola do seu filho/filha?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.18 (1.47)	4.42 (1.12)	$t(110) = 5.03$ ($p < .001$)
4. Decide os assuntos do jardim de infância/da escola do seu filho/filha? Ex.: decide se vai a visitas de estudo, atividades extracurriculares, etc.	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.36 (0.86)	4.75 (0.48)	$t(110) = 2.99$ ($p = .003$)
6. Leva o seu filho/filha ao jardim de infância/à escola ou às atividades extraescolares? Ex.: atividade desportiva, música, etc.	<i>M</i> (<i>DP</i>)	3.72 (1.10)	4.20 (1.00)	$t(111) = 2.42$ ($p = 0.02$)
28. Assegura que o seu filho/filha tenha todos os materiais escolares e tudo o que precisa para o jardim de infância/a escola?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.55 (0.84)	4.91 (0.35)	$t(108) = 2.98$ ($p = .004$)
Autoridade e Disciplina				
20. Decide o que o seu filho/filha pode ou não pode fazer?	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.03 (0.71)	4.28 (0.72)	$t(119) = 3.39$ ($p = .001$)

3.3. As dimensões da intimidade no pai e suas características¹⁴

A ANOVA de medidas repetidas realizada indica a existência de diferenças significativas entre as dimensões da escala [$F(2.59, 207.15) = 50.56, p < .001, \eta^2 = .39$]¹⁵. Tal significa que os pais apresentam valores superiores de Interdependência ($M = 4.35, DP = 0.36$) do que de Dependência ($M = 2.39, DP = 0.66$).

3.3.1. Análise das dimensões da Intimidade nos pais em função do sexo do filho¹⁶

De acordo com o teste *t*-student efetuado, não existem diferenças significativas entre os pais que se reportaram a um filho do sexo masculino e os pais que se reportaram a um filho do sexo feminino ao nível do fator Interdependência [$t(56) = 1.03, ns$]. No fator Dependência, existe uma tendência [$t(53) = 1.84, p = .07$] para maiores níveis de vulnerabilidade na relação conjugal em pais que se reportam a um rapaz ($M = 2.57, DP = 0.67$) do que aqueles que se reportam a uma rapariga ($M = 2.24, DP = 0.63$).

3.4. As dimensões da intimidade numa comparação entre pais e mães

3.4.1. Análise das dimensões da intimidade em pais e mães

Através do teste *t*-student realizado foi possível concluir que não existem diferenças significativas entre homens e mulheres¹⁷ ao nível das dimensões Interdependência [$t(119) < 1, ns$] e Dependência [$t(115) < 1, ns$].

3.4.2. Médias e desvios-padrões dos itens da EDI

No Quadro 13, são apresentadas as médias e desvios-padrão dos diferentes itens da EDI onde se verificam diferenças significativas entre pais e mães. As mães apresentam resultados superiores aos dos pais nas questões relacionadas com a partilha e o apoio emocional, enquanto estes se sobressaem nos itens relacionados com o desejo físico e a sexualidade, assim como no receio da partilha ideias, relativamente ao domínio Dependência.

¹⁴ Não é possível apresentar um valor total da escala, uma vez que as dimensões são distintas.

¹⁵ A esfericidade é perfeita (= 1.00) pois existem apenas dois níveis de análise.

¹⁶ Não se encontram diferenças significativas em função das demais variáveis sociodemográficas.

¹⁷ Interdependência: $M = 4.32, DP = 0.36$; Dependência: $M = 2.35, DP = 0.53$.

Quadro 9 - Médias e desvios-padrões dos itens da EDI.

Dimensões e descrição dos respectivos itens		Pais	Mães	<i>t</i> (122) (<i>p</i>)
Interdependência				
8. Quando tenho algum problema, procuro o apoio do/a meu/minha companheiro/a.	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.27 (0.71)	4.55 (0.56)	2.39 (<i>p</i> = 0.02)
33. Gosto de saber o que acontece na vida da minha companheira.	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.27 (0.61)	4.55 (0.50)	2.75 (<i>p</i> = .01)
36. Desejo fisicamente a minha companheira, mesmo na sua ausência.	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.42 (0.74)	4.03 (0.77)	2.87 (<i>p</i> = .01)
38. Sinto prazer quando nos envolvemos sexualmente.	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.77 (0.42)	4.52 (0.57)	2.88 (<i>p</i> = .01)
39. Gosto de seduzir a minha companheira.	<i>M</i> (<i>DP</i>)	4.40 (0.74)	4.15 (0.62)	2.11 (<i>p</i> = .04)
Dependência				
6. Se estou em desacordo com a minha companheira, prefiro não demonstrá-lo.	<i>M</i> (<i>DP</i>)	2.03 (0.93)	1.71 (0.73)	2.14 (<i>p</i> = .03)

3.5. Correlações entre a Responsabilidade total e as dimensões da EDI

Conforme os resultados apresentados no Quadro 14, existe uma correlação forte entre os níveis de Dependência dos pais e os níveis de Dependência das mães ($r = .60$, $p < .001$). A correlação entre os graus de Interdependência de ambos, embora significativa, apresenta uma magnitude moderada ($r = .38$, $p = .003$). Existe uma correlação significativa e moderada entre os níveis de Interdependência das mães e a sua própria Responsabilidade ($r = .37$, $p = .02$).

Quadro 10 – Correlações entre a responsabilidade total e os domínios da EDI para ambos os pais.

		Pais			Mães		
		RP	ID	D	RM	ID	D
Pais	ID	.18					
	D	-.25	-.04				
Mães	RM	.27	-.18	.00			
	ID	.23	.38**	-.24	.37*		
	D	-.27	-.12	.60***	-.15	-.05	

Os valores apresentados correspondem a r de Pearson; * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

RP = Responsabilidade Paterna; RM = Responsabilidade Materna; ID = Interdependência; D = Dependência.

3.6. Correlações entre as dimensões da ERP e as dimensões da EDI no pai

Dos resultados apresentados no Quadro 14 destaca-se a correlação moderada significativa entre as dimensões Cuidados e Interesse e Interdependência ($r = .32$, $p = .03$). Efetivamente, esta é a única dimensão da ERP que parece estar correlacionada com os níveis de intimidade (i.e., Interdependência).

Quadro 11 - Correlações entre as dimensões da ERP e as dimensões da EDI no pai

		Pais					
		CI	AEE	E	AD	ID	D
Pais	AEE	.47***					
	E	.51***	.44**				
	AD	.11	.20	.25			
	ID	.32*	.17	.16	.11		
	D	.01	.02	-.16	-.07	-.04	

Os valores apresentados correspondem a r de Pearson; * $p < .05$, ** $p < .01$, *** $p < .001$

CI = Cuidados e Interesse; AEE = Apoio Emocional e Estimulação; E = Escola; AD = Autoridade e Disciplina; ID = Interdependência; D = Dependência.

3.7. As representações dos sujeitos relativamente aos papéis parentais

Dada a riqueza das respostas analisadas, debruçamo-nos, em seguida, sobre os resultados mais expressivos em relação a ambos os progenitores, salientando também, sempre que pertinente, as diferenças das respostas das mães e dos pais. Uma vez que as primeiras quatro categorias correspondem aos quatro domínios da ERP, estes resultados serão confrontados com aqueles apresentados previamente.

O conceito “Cuidar”, sem especificação adicional, foi associado à categoria Cuidados e Interesse, surgindo com o dobro da frequência relativamente às mães, o que vai ao encontro da supremacia do sexo feminino neste domínio (cf. Quadro 5). Na mesma linha de resultados, os conceitos “Alimentação” e “Saúde” continuam também a ser mais associados à mãe, em consonância com os resultados aos itens 3 (“*Cuida do seu filho/filha ou leva-o/a ao médico quando ele/a está doente?*”) e 9 (“*Preocupa-se com que o seu filho/filha faça uma alimentação adequada?*”). No conceito “Higiene” (dar banho ou mudar fraldas) registou-se uma igualdade de frequências entre pais e mães, em conformidade com a ausência de diferenças significativas entre pais e mães na questão 19 (“*Preocupa-se com que o seu filho/filha cuide da higiene pessoal? (...)*”). Ainda neste domínio, os pais surgem relacionados ao dever do sustento económico com maior frequência, apesar de no item 17 (“*Preocupa-se em trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a família e pagar as despesas?*”) não se encontrarem diferenças significativas entre estes e as companheiras.

Relativamente aos conceitos relacionados com o domínio Apoio Emocional e Estimulação, o pai é mais conotado ao conceito “*amizade*” do que as mães, descrito amiúde como um companheiro para os filhos (“*Ser pai é (...) ser amigo e companheiro inseparável*”). Neste seguimento, o pai surge também como a figura mais representativa no que concerne a atividades de jogo e de lazer (“*(...) jogar futebol ou esconder debaixo da cama, quando se está a brincar às escondidinhas*”), ainda que não se tenham verificado diferenças significativas entre pais e mães nos itens 10 (“*Realiza atividades de lazer com o seu filho/filha em casa? (...)*”) e 11 (“*Leva o seu filho/filha a passear e a fazer outras atividades de lazer?* (...)). Por outro lado, ainda dentro deste domínio do Apoio Emocional e Estimulação, o papel do diálogo, da partilha e do aconselhamento está mais vinculado à mãe, frequentemente assumida como figura de cumplicidade (“*Ouvi-los quando estão desiludidos*”). Efetivamente, esta evidência encontra-se em concordância com os resultados aos itens 18 (“*Conversa com o seu filho/filha quando ele/a está preocupado/a ou triste?*”), 21 (“*Mostra interesse pelo dia-a-dia do seu filho/filha? (...)*”) e 26 (“*Quando o seu filho/filha precisa de um conselho, vai pedi-lo a si?*”), onde as mães apresentam resultados superiores aos dos pais. Ainda, as mães surgem com maior expressividade

como fonte de carinho e amor, ainda que não existam diferenças significativas entre pais e mães no item 16 (“*É meigo/a e carinhoso/a com o seu filho/filha?*”).

No que toca ao conceito das “Tarefas escolares”, que engloba todas as referências associadas ao domínio Escola, desde o apoio nos trabalhos de casa, a presença em reuniões do jardim de infância ou escola, ao envolvimento nas atividades extracurriculares, tanto pais como mães atribuem mais frequentemente esta responsabilidade às mães. Tal resultado revela-se concordante com aqueles previamente apresentados relativamente às diferenças significativas entre pais e mães neste domínio (cf. Quadro 5), onde as últimas apresentavam uma pontuação mais elevada de responsabilidade, assim como nos itens mencionados no Quadro 11.

No que diz respeito aos conceitos associados ao domínio da Autoridade e Disciplina, o pai continua a ser a figura de autoridade mais proeminente. Contudo, este resultado contrasta com a frequência do conceito “Castigo”, bastante semelhante entre pais e mães, e com as frequências do conceito “Estabelecimento de regras”, onde as mães são reportadas mais frequentemente (“*Ser mãe é impor ordem na casa, nos filhos e no marido*”). Ainda que não se tenham verificado diferenças significativas entre pais e mães nos resultados da ERP relativamente ao domínio da Autoridade e Disciplina (cf. Quadro 5), este resultado vai ao encontro da superioridade estatisticamente significativa das mães no item 20 da mesma escala (“*Decide o que o seu filho/filha pode ou não pode fazer?*”). A respeito da transmissão de valores e na preparação para a vida em sociedade, em ambos os conceitos a mãe surge com uma frequência ligeiramente superior à dos pais (*Ser mãe (...) é dar a base para a vida social*”).

No que concerne às outras unidades de análise que transcendem os domínios abrangidos pela ERP, vinte pais e mães reportaram a importância que a mãe assume durante a gestação e no período pós-natal, nomeadamente o ato de amamentação, sendo principalmente referido pelos homens em relação à parceira. Pelo contrário, este conceito esteve apenas presente uma vez relativamente ao papel de pai, tendo uma participante afirmado que o pai poderá ter um papel ativo durante a amamentação. Nenhum dos pais fez qualquer referência ao seu próprio papel nesta fase.

Relativamente à categoria criada para o “Sacrifício” (associado aos conceitos “Dar a vida pelos filhos” e “Sofrimento”), esta é também associada em larga escala às mães. De facto, são mais numerosas as referências respetivas à mãe sobre as noites mal dormidas, o cansaço extremo, as preocupações constantes e a sobreposição da responsabilidade materna em todos os outros contextos, o que se reflete igualmente no subsistema conjugal (“*A partir do momento em que se é mãe, até se esquece um pouco o marido*”).

O pai assume o papel principal na tipificação sexual e de género (“*Ser pai é apresentar a visão do lado masculino, mais racional e ponderado*”), adotando como uma

das suas funções mais proeminentes a transmissão de um modelo robusto de força (*“Ser pai é ser forte”*) e sendo frequentemente descrito como um *“ídolo”* ou um *“herói”* para os filhos.

Em relação à gestão familiar, verifica-se uma frequência aproximada do conceito das *“tarefas domésticas”* para pais e mães. Todavia, o *“Apoio prático e emocional”* ao respetivo parceiro surge principalmente associado ao homem, usualmente descrito como um *“braço direito da mãe”* ou um substituto quando esta não se encontra disponível para executar as mais variadas tarefas domésticas e familiares (*“(…) tomar conta do menino quando a mãe não pode”*). Ainda assim, surgem também respostas que sublinham a importância da reciprocidade dos papéis de pai e de mãe, ao invés de uma parentalidade marcada pela complementaridade (*“É remarem os dois para o mesmo sítio. Não é a mãe dizer esquerda e o pai dizer direita”*).

Foram também codificadas as afirmações que indicavam uma predominância do papel de mãe ou de pai relativamente a algum domínio. A predominância do papel de mãe foi referida por doze sujeitos, chegando esta a ser descrita como *“a rainha”* da família ou o *“ser mais completo”* que está *“sempre um passo à frente”* dos homens. Por sua vez, a predominância do papel de pai, assinalada apenas cinco vezes, surge, essencialmente, associada à representação de autoridade e de disciplina, sendo a figura que as crianças mais deveriam temer pela maior imposição de austeridade (*“É ralhar «mais alto», quando o ralhar da mãe já não chega”*).

Finalmente, foram cinquenta e cinco os participantes que assumiram considerar o papel de pai idêntico ao de mãe, assim como as suas funções, sendo trinta e três destes sujeitos mulheres. Existe, efetivamente, um consenso da parte destes pais relativamente à partilha conjunta de responsabilidade quanto à educação e desenvolvimento dos filhos (*“Ser pai... é ser mãe no masculino!”*). Tal não impede que alguns sujeitos deixem de reconhecer algumas limitações ao papel de pai, principalmente no estabelecimento de laços vinculativos com o feto durante a gravidez (*“Ser pai para mim envolve os mesmos princípios e funções ao ser mãe, penso é que socialmente se acredita que os filhos gostam mais da mãe por amamentarem e os pais serem socialmente mais ausentes”*); não obstante, é referido que essas diferenças poderão ser ultrapassadas com empenho e proatividade, sendo necessária uma forte articulação entre ambos os pais e uma mudança ao nível das representações sociais dos papéis parentais (*“A sociedade contemporânea teve a capacidade de destruir os conceitos de pai e de mãe (...) Ainda associamos o ato de ser pai e de ser mãe a uma luta dialética que contrapõe afetividade e racionalidade (...). A educação é sempre um projeto dos pais e tenho dificuldades em entender o exercício deste ato de forma separada”*).

IV. Discussão de resultados

Após a apresentação dos resultados, importa analisar e confrontar os dados obtidos com a literatura existente neste domínio de investigação.

Analisando a assunção de responsabilidade paterna de forma global foi possível verificar que a participação do pai se revela mais expressiva ao nível da dimensão dos Cuidados e Interesse, comparativamente com os restantes domínios. Esta dimensão é mais associada à díade mãe-filho (Beslky et al., 1991) e os resultados da ERP indicam que as mães continuam a assumir esta responsabilidade com mais frequência do que os pais. A frequência da subcategoria “Cuidar” no questionário das representações parentais surgiu com o dobro dos registos para mães comparativamente aos pais. Na verdade, as mães também são mais referidas nas subcategorias “Alimentação” e “Saúde”, encontrando-se em igualdade no conceito “Higiene”. Por seu turno, os pais destacam-se na subcategoria “Sustento económico”, com o dobro das referências da mãe. Todos estes resultados apontam que ainda se partilha a concetualização do pai como “ganha-pão” e da mãe como cuidadora principal (Pleck, 1984). Não obstante, ambos os progenitores se envolvem em atividades de Cuidados e Interesse mais do que “muitas vezes”, demonstrando que se caminha rumo a partilha mais equitativa de tarefas, sendo o pai capaz de as repartir com a companheira (Lima, 2005).

No que concerne à assunção de responsabilidade em função da idade do pai, não existem diferenças globais entre pais mais novos e pais mais velhos, apesar de os pais mais jovens se envolverem mais em atividades de Apoio Emocional e Estimulação do que os pais mais velhos. O mesmo acontece em função do tempo de relacionamento conjugal, sendo que os pais numa relação conjugal mais longa apresentam menores níveis de Apoio Emocional e Estimulação. Tendo-se obtido uma correlação significativa entre a idade do pai e o tempo de relacionamento conjugal ($r = .84, p < .001$), é possível assumir uma forte associação entre estas variáveis sociodemográficas. Apesar de não haver diferenças significativas na responsabilidade paterna em função da idade do filho, é na fase da adolescência que se inicia, segundo a perspetiva de Erikson (1976), a formação de um sentido coerente do *self* e a procura de apoio e companheirismo também nos pares. Assim, estes pais, que terão filhos adolescentes, vão diminuindo o seu grau de apoio à medida que os filhos vão estabelecendo maiores níveis de autonomia e de regulação emocional (Lamb, 2000). Relativamente às representações dos papéis parentais neste domínio, assinala-se a imagem de um pai como companheiro de brincadeiras e de aventuras, função que poderá tornar-se secundária na fase da adolescência, prevalecendo o diálogo como maior fonte de apoio e validação emocional, mais associado à mãe, conforme as respostas

ao questionário das representações sociais e as respostas às questões 18, 21 e 26 da ERP (ainda que não se verifiquem diferenças significativas entre pais e mães no total desta dimensão). Além disso, os níveis superiores de Apoio Emocional e Estimulação em pais mais novos poderão refletir uma maior flexibilização do papel do pai ao longo das últimas décadas, tendo vindo estes pais a adaptar-se mais rapidamente às mudanças das expectativas relativamente ao papel do pai (Rost, 2002), a estabelecer interações pautadas por uma maior sensibilidade às necessidades emocionais dos filhos (Palm, 2014) e a acompanhar as mudanças sociológicas como a emancipação da mulher no mercado de trabalho, o aumento das famílias monoparentais ou o debate sobre o desenvolvimento saudável das crianças (Marsiglio, 1995). Gradualmente, o pai parece distanciar-se, assim, da figura autoritária e emocionalmente distante dos filhos em tempos partilhada (Johansson & Klinth, 2007).

Relativamente ao sexo dos filhos, os pais apresentam uma tendência estatisticamente significativa para um maior envolvimento no domínio Escola com filhos do sexo feminino. Esta informação parece não estar totalmente em concordância com a evidência reportada por Fletcher e Silberberg (2006), relativamente a um aumento da participação por parte dos pais quando as atividades escolares ou extracurriculares recriam padrões masculinos, como atividades físicas, podendo um filho do sexo masculino estimular o interesse do pai em se envolver neste tipo de atividades. Por outro lado, os mesmos autores referem o fator segurança como um desencadeador deste envolvimento no mesmo contexto. De facto, um dos participantes refere que o pai é “*protetor principalmente com as meninas*”. Este sentido de proteção obriga os pais a reforçar o seu envolvimento neste domínio para, assim, construir um sentimento de segurança quando este se encontra, de alguma forma, comprometido para as filhas. A indicação de Kim e Hill (2015) relativamente ao envolvimento do pai no contexto escolar maioritariamente na ocorrência de dificuldades atribui algum sentido a esta visão do pai como “solucionador” de problemas.

Ainda sobre o contexto escolar, a supremacia das mães é suportada pela afirmação de Lamb (2010) relativamente ao maior envolvimento materno direto neste contexto. Efetivamente, existem diferenças significativas entre pais e mães em todas os itens desta dimensão, assumindo sempre a mãe uma maior responsabilidade do que o pai. A mãe está mais informada sobre as atividades desenvolvidas na escola dos filhos e assume o papel principal de articulação da família com a escola, em conformidade com os resultados de Fletcher e Silberberg (2006), acabando esta por assumir uma presença bastante mais assídua nas reuniões individuais e em grupo com o educador ou professor, sendo o primeiro contacto ao qual o jardim de infância ou a escola recorre quando existe algum assunto a tratar com a família.

No que respeita às dimensões da Intimidade, a tendência para maiores níveis de Dependência por parte do pai com rapazes revela-se um resultado curioso. Na verdade, grande parte da literatura refere que o pai se envolve mais com os filhos do sexo masculino (Lamb, 2000), esperando-se, portanto, que tal fomentasse os níveis de intimidade do casal e, conseqüentemente, os níveis de Interdependência. Porém, não obtivemos diferenças de responsabilidade parental em função do sexo do filho. Estes resultados levam-nos a equacionar que esta diferença ao nível da Dependência estará relacionada com questões problemas de comportamento externalizado, uma vez que existe uma associação mais forte entre estes e o conflito conjugal nos rapazes do que nas raparigas (Reid & Crisafulli, 1990). Através da análise dos itens deste domínio da ERP, os pais parecem revelar um maior receio do conflito, de acordo com as diferenças encontradas ao nível do item 6, o que poderá comprometer a diferenciação do seu *self* e a discussão construtiva de diferentes pontos de vista relativamente à educação dos filhos.

Comparando pais e mães relativamente às dimensões da intimidade, a ausência de diferenças entre estes contrasta com a informação de Heller e Wood (1998), autores que sugeriram que o nível de intimidade dos homens seria menor que o das mulheres. Para encontrarmos um resultado semelhante, seria necessário encontrar, pelo menos, diferenças significativas ao nível da dimensão Interdependência, representativa de experiências de intimidade numa dimensão significacional e temporal. De igual forma, não existe também evidência para maiores níveis de vulnerabilidade e dificuldades de diferenciação. Contudo, é importante ressaltar que a EDI avalia componentes de cariz comportamental, cognitivo e emocional de impossível dissociação, não sendo totalmente seguro afirmar que este resultado represente uma igualdade ao nível da experiência da intimidade e dos significados atribuídos por cada um às experiências e relações de intimidade. Para tal, seria necessário investigar junto dos participantes o seu papel na relação conjugal e o significado atribuído à mesma, à semelhança do questionário sobre as representações dos papéis parentais, uma vez que estes papéis são também socialmente construídos. Ainda assim, este resultado poderá ser um indício de uma maior despolarização do masculino e do feminino nas relações de intimidade.

A um nível de análise mais minucioso, as mulheres privilegiam mais do que os homens a comunicação verbal e a partilha, o que se verifica pela diferença de médias no item 33. Este resultado é corroborado pela posição de Hook e colaboradores (2003) relativamente à demonstração de intimidade mais verbal e emocional por parte do sexo feminino. Por seu turno, os homens reúnem resultados indicadores de maior satisfação e investimento nas componentes relacionadas com o desejo, a sexualidade física e a sedução (itens 33, 36 e 38), fatores importantes para o bem-estar e a consolidação dos níveis de intimidade nos homens, como suportado por Štulhofer e colegas (2014). Nesta

análise item a item parecem ser, portanto, mais numerosas as semelhanças entre homens e mulheres do que as diferenças, em concordância com a posição de Costa (2005) relativamente às diferenças de gênero na experiência da intimidade.

Parke (2002) declarou que a paternidade bem-sucedida dependia mais de uma relação conjugal apoiante do que a maternidade. Ainda que no nosso método não tenhamos concetualizado estas duas variáveis segundo uma relação de causa-efeito, mas apenas por associação, os resultados do nosso estudo demonstram não existir uma correlação entre a assunção de responsabilidade total por parte do pai e os seus próprios níveis de intimidade, nem tão pouco com os níveis de intimidade da mãe. Contudo, a correlação positiva moderada entre a responsabilidade total da mãe e os seus próprios níveis de intimidade sugerem que estes se encontram associados. Na verdade, de acordo com as quatro linhas de influência do papel do pai sugeridas por Marsiglio e colaboradores (2000), o apoio emocional, prático e psicossocial às companheiras assume uma grande relevância no sistema familiar, sendo este promotor de bem-estar psicológico e de saúde física (Narciso & Ribeiro, 2007/2008). A categoria “Sacrifício/sofrimento” está bastante mais presente nas respostas sobre a mãe do que nas respostas sobre os pais, sendo socialmente esperado que a mãe seja a “coordenadora” de todas as tarefas familiares e aquela que despende maior tempo e esforço nesta execução (e.g., “*A mãe é a primeira a levantar-se e a última a deitar-se*”), o que traz, conseqüentemente, um grande desgaste físico e psicológico para as mulheres. Desta forma, parece-nos plausível que a explicação para esta associação seja a maior necessidade por parte das mães em procurar este apoio emocional, desempenhando os homens o papel de porto seguro a quem as respetivas companheiras recorrem sempre que veem a sua competência e capacidade ameaçadas (e.g. “*Ser pai é ser «o braço direito da mãe»*”, “*Ser pai é incentivar os filhos a ajudar a mãe quando ela precisa e a respeitá-la*”). O mesmo não significa que o pai acabe por aumentar os seus níveis de responsabilidade – a própria mãe poderá impedir esta participação através de comportamentos de *gatekeeping* como forma de manter a sua hegemonia nas demais responsabilidades relacionadas com os filhos –, mas o apoio emocional, a troca de carinho ou a estimulação sexual poderão ajudar a companheira a refugiar-se desta rotina extenuante e, assim, sentir-se valorizada como um indivíduo diferenciado nos seus diversos papéis, encontrando, portanto, a validação da sua competência e identidade materna (Allen & Hawkins, 1999; Gaunt, 2008) no sistema familiar.

Por outro lado, a ausência de uma correlação significativa entre os níveis de Interdependência e a Responsabilidade Total do pai leva-nos a sugerir que os homens conseguem, atualmente, exercer o seu papel de pai independentemente dos níveis de intimidade que poderão refletir a qualidade da relação conjugal. Allen e Daly (2000) sugeriram que os pais se afastavam dos filhos na existência de conflito no subsistema

conjugal, sendo que os nossos resultados parecem refutar a afirmação destes autores, uma vez que a Responsabilidade Total não se encontra também associada aos níveis de Dependência. Ainda, a associação entre os níveis de Interdependência e de Cuidados e Interesse nos pais poderá representar que esta dimensão é a que mais contribui para a qualidade da relação de intimidade, precisamente por este domínio corresponder essencialmente às tarefas básicas quotidianas nas quais as mães solicitam apoio dos companheiros e onde se verifica uma aproximação a uma divisão mais equitativa. Desta forma, o homem estará a promover a partilha na relação íntima, ao oferecer o seu apoio prático ao nível dos cuidados (Narciso & Ribeiro, 2007/2008).

No que respeita às representações recolhidas no último questionário é de referir ainda que o pai foi apenas referido duas vezes como participante ativo durante a gestação e a amamentação. Assim, é amplamente partilhada a figura do pai como agente secundário nestes processos, em concordância com os resultados de Genesoni e Tallandini (2009), sendo estes processos interpretados como uma forte barreira ao estabelecimento de laços vinculares do pai com a criança.

Com efeito, de modo geral, são mais significativas as barreiras ao exercício do papel paterno, estando as mães em desvantagem apenas no que concerne à imposição de autoridade e disciplina. O pai ainda assume a figura de respeito e de autoridade, o que acaba por não se verificar na prática, uma vez que não se encontram diferenças significativas entre pais e mães ao nível da dimensão Autoridade e Disciplina; na verdade, as mães parecem até decidir mais o que os filhos podem ou não fazer, de acordo com as diferenças encontradas ao nível da Questão 20 da ERP. De facto, pais e mães parecem abrigar novas representações do papel paterno e ambos os sexos desejam a igualdade de funções entre ambos os progenitores; por outro lado, não existe uma renúncia plena às representações dominantes nas gerações prévias, o que vai ao encontro dos resultados de Summers e colaboradores (2006).

V. Conclusão

Julgamos ser relevante finalizar este trabalho com uma reflexão sobre o significado que atribuímos a este conjunto de resultados, atendendo às suas implicações práticas e sem desvalorizar a existência de limitações que poderão ter exercido influência no produto final.

O estudo enquadrado nesta dissertação teve como principal objetivo a exploração da associação entre a intimidade num contexto de relação conjugal e a assunção de responsabilidade por parte do pai, tendo em conta as construções sociais relativamente a esse papel. Efetivamente, os padrões de parentalidade e de relacionamento conjugal estão constantemente sujeitos a transformações ao longo do tempo, dependendo de fatores micro, meso, exo e macrossistémicos (Parke, 1996). Os resultados desta investigação demonstraram que o papel do pai não se limita a um único domínio e que, ainda em alguma desvantagem em relação à mãe, se encontra relativamente próximo de uma partilha mais equitativa de responsabilidade, principalmente ao nível dos Cuidados e Interesse. Desta forma, para se estudarem as idiossincrasias da paternidade, é importante que a comunidade científica inclua ambos pais e mães, concebendo a parentalidade como um constructo mais alargado, ao invés de delimitar de forma rígida as diferenças de género no exercício destes papéis. O mesmo se verifica ao nível da intimidade, tendo sido verificadas mais semelhanças do que diferenças ao nível da perceção de pais e mães relativamente a este constructo de tão difícil definição, mas de uma importância vital para as relações amorosas.

Apesar de não se ter verificado uma associação significativa entre a perceção dos níveis de intimidade do homem e a sua responsabilidade paterna, não devemos desvalorizar o impacto da qualidade da relação conjugal no envolvimento paterno. Na verdade, a qualidade das interações deste subsistema repercute-se em todo o sistema familiar, daí a importância da promoção de práticas construtivas e adaptadas às necessidades de todo o sistema.

Para além de ser importante continuar a estimular a participação do pai, é fundamental desafiar as construções sociais relativas ao papel paterno, intervindo nas conceções de ordem mais afetiva e cognitiva da parentalidade e não unicamente nos resultados visíveis de ordem comportamental (Palkovitz, Trask, & Adamsons, 2014). A análise das representações dos papéis parentais demonstrou que ainda são interiorizadas algumas conceções de estrutura “fantasmagórica”, no sentido de que nem sempre correspondem às funções assumidas na prática, reflexo da dificuldade da evolução

histórica da paternidade analisada por Mintz (1998). Assim, é importante a implementação de medidas sociopolíticas orientadas para as famílias que estimulem a vivência da paternidade em todas as etapas desenvolvimentais dos filhos, começando na gestação. Exemplos passarão por ações de sensibilização com os profissionais de saúde no sentido de incluir o pai em todas as questões relacionadas com os cuidados antes e depois do nascimento, ou com os profissionais de educação com o objetivo de promover uma visão multidimensional que aumente o envolvimento dos pais nas atividades relacionadas com a escola e ajude a estabelecer uma relação mais próxima entre estes e os profissionais do contexto referido. Ainda que a concepção de um *novo pai* comece a ganhar forma, a sociedade estabelece um número de funções que se espera que o homem cumpra, sem se questionar sobre os benefícios de um envolvimento para além daquele que é exigido.

Importa salientar também algumas implicações para a prática psicológica. A expressão e comunicação emocional têm sido categorizadas no domínio do “feminino”, potencialmente ameaçadoras do papel masculino tradicional (Patrick & Beckenbach, 2009). Na verdade, durante o processo de recolha de dados, foram alguns os homens que se recusaram de imediato a participar ou que suspenderam a sua participação assim que perceberam que um dos instrumentos era constituído por questões relacionadas com a sexualidade, ainda que este se tenha verificado como uma dimensão fortemente associada ao sexo masculino. Desta forma, torna-se relevante o investimento na psicoeducação na intimidade masculina como recurso à intervenção nas dificuldades de género associadas a processos e dinâmicas emocionais, sem deixar de se reconhecer as diferentes construções sociais da intimidade. Além disso, é importante o papel do psicólogo na reconstrução de significados individuais e de casal em prol da resolução construtiva do conflito e da negociação da divisão de tarefas e de assunção de responsabilidades.

É essencial reconhecermos algumas limitações deste estudo. Ainda que o envolvimento dos participantes tenha sido essencialmente por “bola de neve”, alguns casais que tiveram conhecimento do estudo demonstraram voluntariamente interesse em participar, podendo estes pais e mães demonstrar uma motivação intrínseca no domínio da paternidade que, de alguma forma, terá contribuído para resultados mais “otimistas” e menos representativos do universo em questão. O processo de resposta não foi controlado, havendo a possibilidade de os participantes não responderem totalmente em conformidade com a sua perceção caso estas respostas fossem revistas pelo companheiro, mesmo tendo sido sugerida a resposta individual aos questionários. Além do mais, talvez tivesse sido pertinente a aplicação de um teste piloto relativo às representações dos papéis parentais, uma vez que alguns pais não responderam à questão do papel de mãe e vice-versa por não corresponder ao seu sexo, mesmo estando essa informação expressa nas instruções. A deteção precoce deste erro por parte dos participantes permitir-nos-ia encontrar uma

forma de o contornar (e.g., adicionando um aviso no final da primeira página de resposta), o que teria enriquecido ainda mais este estudo ao recolher-se mais informação.

Finalizando, apelamos ao investimento na investigação neste objeto de estudo que é o envolvimento paterno, uma vez que em continua a ser muito reduzida em Portugal. Seria interessante a replicação deste mesmo estudo, explorando-se a perceção que o pai tem sobre a assunção de responsabilidade da companheira, e vice-versa, assim como a avaliação da satisfação com o seu próprio envolvimento e com o envolvimento do companheiro. Ainda, seria relevante a exploração da existência de comportamentos de *gatekeeping* maternos que poderão, de certa forma, bloquear um maior envolvimento por parte do pai. Desta forma, estaremos a ampliar e a aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas familiares, as idiosincrasias e semelhanças dos papéis de pai e de mãe, dando a conhecer que o pai possui também competências para coassumir o papel principal no exercício da parentalidade, retirando-o dos bastidores onde a investigação o deixara há não muitas décadas atrás.

Referências bibliográficas

- Ahlberg, C. & Sandnabba, K. (1998). Parental nurturance and identification with own father and mother: the reproduction of nurturant parenting. *Early Development and Parenting*, 7, 211-221.
- Allen, S., & Hawkins, A. (1999). Maternal gatekeeping: mother's beliefs and behaviors that inhibit greater father involvement in family work. *Journal of Marriage and the Family*, 61, 199-212.
- Amato, P. R. (1998). More than money? Men's contributions to their children's lives. In A. Booth and A. Crouter (Eds.), *Men in families: When do they get involved? What difference does it make?* (pp. 241-178). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.
- Averett, S., Gennetian, L., & Peters, H. (2000). Patterns and determinants of paternal child care during a child's first three years of life. *Marriage & Family Review*, 29, 115-136.
- Badolato, G. (1997). Le père est-il compétent dans la compréhension des besoins du petit enfant? *Enfance*, 3, 401-410.
- Banchefsky, S., & Park, B. (2016). The "New Father": Dynamic stereotypes of fathers. *Psychology of Men & Masculinity*, 17(1), 103-107. doi: 10.1037/a0038945.
- Belsky, J. (1984). The determinants of parenting: A process model. *Child Development*, 55, 83-96.
- Belsky, K., Lang, M., & Rovine, M. (1985). Stability and change in marriage across the transition to parenthood: A second study. *Journal of Marriage and the Family*, 47, 855-865.
- Belsky, J., Ward, H. J., & Levine, M. (1986). The developing family system. In M. Gunnar & E. Thelen (Eds.), *Systems and development: Vol. 22. Minnesota symposia on child psychology* (pp. 119-166). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Belsky, J., Youngblade, L., Rovine, M., & Volling, B. (1991). Patterns of marital change and parent-child interaction. *Journal of Marriage and Family*, 53(2), 487-498.

- Bouchard, G. & Lee, C. M. (2000). The marital context for father involvement with their preschool children: The role of partner support. *Journal of Prevention & Intervention in the Community*, 20(1/2), 37-53.
- Bowlby, J. (1958). The nature of the child's tie to his mother. *International Journal of Psycho-Analysis*, 39, 350-373.
- Bronfenbrenner, U. (1979). *The ecology of human development: Experiments by nature and design*. Cambridge: Harvard University Press.
- Bronfenbrenner, U. (1992). Ecological systems theory. In R. Vasta (Ed.), *Six theories of child development: Revised formulations and current issues* (pp. 187-241). London: Jessica Kingsley Publishers.
- Bronfenbrenner, U. (1995). Uma família e um mundo para o bebé XXI: Sonho e realidade. In J. Gomes-Pedro & M. Patrício (Eds.), *Bebé XXI: Criança e família na viragem do século* (pp. 115-126). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. A. (1998). The ecology of development processes. In W. Damon & M. Lerner (Eds.), *Handbook of child psychology: Theoretical models of human development* (5th ed., Vol. 1, pp. 993-1028). New York: John Wiley & Sons.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the twenty-first century. *Child Development*, 71, 127-136.
- Calzada, E. J., Eyberg, S. M., Rich, B., & Querido, J. G. (2004). Parenting disruptive preschoolers: Experiences of mother and fathers. *Journal of Abnormal Child Psychology*, 32(2), 203-213.
- Costa, M. E. (1996). A intimidade à procura de um psicoterapeuta. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 12, 5-11.
- Costa, M. E. (2005). *À procura da intimidade*. Porto: Edições Asa.
- Costa, M. E. (2011). Sexualidade e intimidade no sistema conjugal: Uma abordagem integrativa. In P. Mena Matos, C. Duarte & M. Emília Costa (Eds.), *Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção*. Porto: LivPsic.
- Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2000). *When partners become parents*. New York: Basic.

- Cummings, E., & O'Reilly, A. (1997). Fathers in family context: effects of marital quality on child adjustment. In M. E. Lamb (Ed.), *The Role of the Father in Child Development* (pp. 49-55). New York, NY: Wiley & Sons.
- Crespo, C., Narciso, I., Ribeiro, M. T., & Costa, M. E. (2006). Desenvolvimento da Escala de Dimensões da Intimidade: primeiro estudo empírico. *Psychologica, 41*, 45-63.
- Cruz, O. (2013). *Parentalidade*. Porto: Livpsic.
- DeLuccie, M. F. (1995). Mothers as gatekeepers: A model of maternal mediators of father involvement. *Journal of Genetic Psychology, 156*, 115-131.
- Dickie, J. & Gerber, S. C. (1980). Training in social competence: The effects of Mothers, Fathers, and Infants. *Child Development, 51*, 1248-1251.
- Diekman, A. B., & Goodfriend, W. (2006). Rolling with the changes: A role congruity perspective on gender norms. *Psychology of Women Quarterly, 30*, 369-383. doi: 10.1111/j.1471-6402.2006.22775.44
- Doherty, W. J., Kouneski, E. F., & Erickson, M. F. (1998). Responsible fathering: An overview and conceptual framework. *Journal of Marriage and the Family, 60*, 277-292.
- Duarte, C. (2005). *Percepções de conflito e violência conjugal*. Tese de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Elek, S., Hudson, D. B., & Bouffard, C. (2003). Marital and parenting satisfaction and infant care self-efficacy during the transition to parenthood: The effect of infant sex. *Issues in Comprehensive Pediatric Nursing, 26*, 45-57.
- Erikson, E. H. (1976). *Infância e Sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Fagan, J., & Barnett, M. (2003). The relationship between maternal gatekeeping, paternal competence, mothers' attitudes about the father role, and father involvement. *Journal of Family Issues, 24*, 1020-1043.
- Feldman, R. (2000). Parents' convergence on sharing and marital satisfaction, father involvement, and parent-child relationship at the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal, 21*, 176-191.
- Fletcher, R. & Silberberg, S. (2006). Involvement of fathers in primary school activities. *Australian Journal of Education, 50*(1), 29-39.

- Gaunt, R. (2008). Maternal Gatekeeping – Antecedents and Consequences. *Journal of Family Issues*, 29(3), 373-395.
- Genesoni, L., & Tallandini, M. (2009). Men's psychological transition to fatherhood: An analysis of the literature, 1989–2008. *Birth*, 36(4),305-318.
- Glenn, N. D. (2001). Is the current concern about American marriage warranted? *Virginia Journal of Social Policy and the Law*, 9, 5-47.
- Golombok, S. (2000). *Parenting: what really counts?* London: Routledge.
- Gottman, J. (1997). *Raising an emotionally intelligent child*. New York: Simon & Schuster Paperbacks.
- Gottman, J.M., & Krokoff, L. (1989). Marital interaction and satisfaction: A longitudinal view. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 57, 47-52.
- Griswold, R. L. (1993). *Fatherhood in America: A history*. New York: Basic Books.
- Grych, J. H., & Clark, R. (1999). Maternal Employment and Development of the Father-Infant Relationship in the First Year. *Developmental Psychology*, 35(4), 893-903.
- Heller, P.E., & Wood, B. (1998). The process of understanding intimacy: Similarity, understanding, and gender. *Journal of Marital and Family Therapy*, 24, 273–288.
- Helms-Erikson, H., Tanner, J. L., Crouter, A. C., & McHale, S. M. (2000). Do women's provider-role attitudes moderate the links between work and family? *Journal of Family Psychology*, 14, 658–670.
- Hewlett, B. (2000). Culture, history, and sex: Anthropological contributions to conceptualizing father involvement. *Marriage & Family Review*, 29, 59-74.
- Hinde, R. A. (1981). The bases of a science of interpersonal relationships. In S. W. Duck & R. Gilmour (Eds.), *Personal relationships 1: Studying personal relationships* (pp. 1-22). New York: Academic Press.
- Hoffman, C. D. & Moon, M. (1999). Women's characteristics and gender role attitudes: Support for father involvement with children. *The Journal of Genetic Psychology*, 160(4), 411-418.
- Hook, M., Gerstein, L., Detterich, L., & Gridley, B. (2003). How close are we? Measuring intimacy and examining gender differences. *Journal of Counseling and Development*, 81, 462-472.

- Johansson, T. (2011). Fatherhood in transition: Paternity leave and changing masculinities. *Journal of Family Communication, 11*, 165–180.
- Johansson, T., & Klinth, R. (2007). Caring fathers: The ideology of gender equality and masculine positions. *Men and Masculinities, 11*, 42-62.
- Kim, S., & Hill, N. E. (2015). Including fathers in the picture: A meta-analysis of parental involvement and students' academic achievement. *Journal of Educational Psychology, 107*(4), 919-934.
- Lamb, M. E. (1992). O Papel do Pai em Mudança. *Análise Psicológica, 1*, 19-34.
- Lamb, M. E. (1998). Fatherhood Then and Now. In A. Booth & A. C. Crouter (Eds.), *Men in families: when do they get involved? What difference does it make?* (pp. 47-52). Mahwah, NJ: Laurence Erlbaum Associates.
- Lamb, M. E. (2000). The history of research on father involvement: An overview. *Marriage & Family Review, 29*, 23-42.
- Lamb, M. E. (2010). *The Role of the Father in Child Development* (5th Ed.). New York: Wiley.
- Lamb, M. E., Pleck, J., Charnov, E., & Levine, J. (1987). A biosocial perspective on paternal behavior and involvement', In J.B. Lancaster, J. Altman, A. Rossi, & L. Sherrod (Eds), *Parenting across the lifespan: Biosocial dimensions* (pp. 111-142). New York: Aldine de Gruyter.
- Lei n.º 120/2015 de 1 de setembro*. Diário da República: I Série, N.º 170. (2015). Lisboa: Assembleia da República. Acedido em 18 Julho 2016, em www.dre.pt.
- Lerner, R. M. (2005). Foreword. In U. Bronfenbrenner (Ed.), *Making human being human*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Levenson, R. W., & Gottman, J. M. (1983). Marital interaction: Physiological linkage and affective exchange. *Journal of Personality and Social Psychology, 45*, 587-597.
- Levy-Shiff, R. & Israelashvili, R. (1988). Antecedents of fathering: some further exploration. *Developmental Psychology, 24*, 434-440. 91-601.
- Lima, J. A. (2005). O envolvimento paterno nos processos de socialização da criança. In Bairrão, J. (Ed), *Desenvolvimento: contextos familiares e educativos* (pp. 210-237). Porto: Livpsic.

- Lima, J. A. (2009). *O envolvimento do pai no processo desenvolvimental da criança em Idade Escolar: Formas, factores e consequências*. Tese de Doutoramento não publicada, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, Porto, Portugal.
- Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no quotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 4(29), 567-578.
- Marsiglio, W. (1995). Father's diverse life course patterns and roles: Theory and social interventions. In W. Marsiglio (Ed.) *Fatherhood: Contemporary theory, research, and social policy* (pp. 78-101). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Marsiglio, W., Day, R. D., & Lamb, M. E. (2000). Exploring fatherhood diversity: Implications for conceptualizing father involvement. In H. E. Peters, G. W. Peterson, S. K. Steinmetz, & R. D. Day (Eds.), *Fatherhood: Research, Interventions and Policies* (Vol. 29, 4, pp. 269-293). [Philadelphia, PA]: The Haworth Press.
- Marsiglio, W., & Roy, K. (2012). *Nurturing fathers: Social initiatives for contemporary fatherhood*. New York, NY: Russel Sage Foundation.
- Martinez, M. (2015, Abril 6). Dads cherish Sweden's parental leave. *CNN*. Acedido em 29 Junho 2015, em <http://edition.cnn.com/2015/04/05/living/cnnphotos-swedish-dads-parental-leave/>
- McGillicuddy-DeLisi, A. & Sigel, I. (1995). Parental beliefs. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting. Vol. 3*. (pp. 333-358). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- McDermid, S. M., Huston, T., & McHale, S. (1990). Changes in marriage associated with the transition to parenthood: Individual differences as a function of sex-role attitudes and changes in the division of household labor. *Journal of Marriage and the Family*, 52, 475-486.
- Mintz, S. (1998). From Patriarchy to Androgyny and Other Myths: Placing Men's Family Roles in Historical Perspective. In A. Booth & A. C. Crouter (Eds.), *Men in families: when do they get involved? What difference does it make?* (pp. 3-30). Mahwah, NJ: Laurence Erlbaum Associates.
- Narciso, I. (2000). Janela com vista para a intimidade. *Psychologica*, 31, 49-62.

- Narciso, I., Costa, M., E., & Prata, F. P. (2002). Intimidade e compromisso pessoal ou “aquilo que pode fazer com que um casamento funcione”. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 36, 67-87.
- Narciso, I., & Ribeiro, M. T. (2007/2008). Conjugalidades – Um olhar sobre satisfação, intimidade e pressupostos sobre a evolução da sexualidade. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 40, 215-243.
- Palkovitz, R. (1997). Reconstructing “involvement”: Expanding conceptualizations of men’s caring in contemporary families. In A. J. Hawkins & D. C. Dollahite (Eds.), *Generative fathering: Beyond deficit perspectives*. (pp. 200-216). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Palkovitz, R. (2007). Challenges to modeling dynamics in developing a developmental understanding of father–child relationships. *Applied Developmental Science*, 11, 190–195. doi: 10.1080/10888690701762050.
- Palkovitz, R., Trask, B. S., & Adamsons, K. (2014). Essential Differences in the Meaning and Processes of Mothering and Fathering: Family Systems, Feminist and Qualitative Perspectives. *Journal of Family Theory & Review*, 6, 406-420. doi: 10.1111/jftr.12048.
- Parke, R. (1995). Fathers and families. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of Parenting. Vol. 3*. (pp. 27-63). New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates.
- Parke, R. D. (1996). *Parenting: Fatherhood*. Londres: Harvard.
- Parke, R. (2002). Fathers and families. In M. H. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting* (2nd ed., pp. 27-73). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Parke, R., & Brott, R. (1999). *Throwaway dads*. Boston: Houghton Mifflin.
- Patrick, S. & Beckhenbach, J. (2009). Male perceptions of intimacy: A qualitative study. *The Journal of Men’s Studies*, 17(1), 47-56. doi: 10.3149/jms.1701.47.
- Pedersen, W., Blekesaune, M. (2003). Sexual satisfaction in young adulthood: Cohabitation, committed dating or unattached Life? *Acta Sociologica*, 46, 179–193.
- Pleck, J. H. (1984). *Working wives and family well-being*. Beverly Hills, CA: Sage.
- Pleck, J. H. (1997). Paternal involvement: Levels, sources and consequences. In Lamb, M. E. (Ed.), *The role of the father in child development* (3rd ed., pp. 66–103). New York: John Wiley & Sons.

- Pleck, J. H., & Masciadrelli, B. P. (2004). Paternal involvement: Levels, sources and consequences. In M. E. Lab (Ed.), *The role of the father in child development* (3rd ed., pp. 66-103). New York: Wiley.
- Prager, K. J. (1995). *The psychology of intimacy*. New York: Guilford Press.
- Premberg, A., Hellström, A., & Berg, M. (2008). Experiences of the first year as father. *Scand J Caring Sci*, 22, 56-63.
- Rost, H. (2002). Where are the new fathers? German families with a non-traditional distribution of professional and family work. *Community, Work & Family*, 5(3), 371-376. doi: 1080/1366880022000041838.
- Sameroff, A. J. & Fiese, B. (1990). Transactional regulation and early intervention. In S. J. Meisels, & J. P. Shonkoff, (Eds), *Handbook of early childhood intervention*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Schmitz, R. M. (2016). Constructing men as fathers: a content analysis of formulations of fatherhood in parenting magazines. *Journal of Men's Studies*, 24(1), 3-23. doi: 10.1177/1060826515624381.
- Smith, J. A. (2009). *The daddy shift*. Boston, MA: Beacon Press.
- Sternberg, R. (1998). *Cupid's arrow: The course of love through time*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Štulhofer, A., Ferreira, L. C., Landripet, I. (2014). Emotional intimacy, sexual desire, and sexual satisfaction among partnered heterosexual men. *Sexual and Relationship Therapy*, 29(2), 229-244. doi: 10.1080/14681994.2013.870335.
- Summers, J. A., Boller, K., Schiffman, R. F., & Raikes, H. H. (2006). The meaning of "good fatherhood": low-income fathers' social constructions of their roles. *Parenting: Science and Practice*, 6(2), 145-165.
- Suwada, K. (2015). Being a traditional dad or being more like a mum? Clashing models of fatherhood according to Swedish and Polish fathers. *Journal of Comparative Family Studies*, 56(1), 467-481.
- Vala, J. (2006). Representações sociais e psicologia social do conhecimento quotidiano. In J. Vala, & M. B. Monteiro (Eds.), *Psicologia Social* (7ª Ed, pp. 457-502) Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Yeung, W. J., Sandberg, J. F., Davis-Kean, P. E., & Hofferth, S. L. (2001). Children's time with fathers in intact families. *Journal of Marriage and Family*, 63 (1), 136–155.

ANEXOS

Anexo 1 – Questionário sociodemográfico

Antes de dar resposta ao questionário por favor **indique alguns dados sociodemográficos.**

Idade: _____

Sexo: Masculino

Feminino

Nível de escolaridade: _____

Situação de emprego: Desempregado

Empregado Profissão: _____

Tempo de relacionamento conjugal: _____

Número de filhos: _____

**Anexo 2 – Adaptação da Escala de Responsabilidade Parental –
Versão Pai**

Instruções

1. Neste questionário, vamos fazer-lhe algumas perguntas acerca das **responsabilidades e atividades que desempenha com o seu filho/filha**.

2. No caso de ter mais do que um filho e de acordo com a sua companheira, **reporte-se especificamente apenas a um deles**.

3. Nas questões cujo conteúdo **não se aplique à idade ou situação do seu filho/a**, responda “**Não se aplica**” (exemplo: “Quando o seu filho/filha precisa de um conselho, vai pedi-lo a si?” não se aplicará a uma criança com meses de idade).

4. Como isto não é um teste, **não há respostas certas ou erradas**. A sua opinião é o mais importante.

5. As suas **respostas são privadas e confidenciais** e a sua **participação é inteiramente livre**.

6. Nas páginas seguintes vão ser apresentadas **29 perguntas**. Para cada uma delas **faça uma cruz no quadrado que melhor corresponde à sua opinião** acerca desse assunto.

A seguir apresentamos-lhe um exemplo de como se responde ao questionário. Suponha que era esta a pergunta:

	Não se aplica	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Vê televisão lá em casa?	<input type="checkbox"/>					

Se raramente vê televisão lá em casa, faça uma cruz no **Raramente**.

Se vê muitas vezes televisão lá em casa, faça uma cruz no **Muitas vezes**.

Ou escolha qualquer uma das outras opções que melhor correspondam à sua opinião.

7. **Se se enganar** e quiser mudar a sua resposta, **risque por cima e faça uma nova cruz** na nova opção.

8. Não se esqueça que deve **responder a todas as questões**.

9. Desde já, **muito obrigado pela sua colaboração!**

Sobre o filho a que se reporta... Sexo: Masculino Feminino Idade: _____

ESCALA DE RESPONSABILIDADE PARENTAL (Lima, 2009)

	Não se aplica	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Vai às reuniões do jardim de infância/da escola do seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
2. Acha importante comprar livros, jogos ou outros artigos de lazer para o seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
3. Cuida do seu filho/filha ou leva-o/a ao médico quando ele/a está doente?	<input type="checkbox"/>					
4. Decide os assuntos do jardim de infância/da escola do seu filho/filha? Ex.: decide se vai a visitas de estudo, atividades extracurriculares, etc.	<input type="checkbox"/>					
5. Recompensa o seu filho/filha quando ele/a se porta bem?	<input type="checkbox"/>					
6. Leva o seu filho/filha ao jardim de infância/à escola ou às atividades extraescolares? Ex.: atividade desportiva, música, etc.	<input type="checkbox"/>					
7. Manda em casa?	<input type="checkbox"/>					
8. Mostra interesse em que o seu filho/filha aprenda e experimente coisas novas?	<input type="checkbox"/>					
9. Preocupa-se em que o seu filho/filha faça uma alimentação adequada?	<input type="checkbox"/>					
10. Realiza atividades de lazer com o seu filho/filha em casa? Ex.: brincar, jogar com ele/a, ou outras atividades de lazer ou diversão.	<input type="checkbox"/>					
11. Leva o seu filho/filha a passear e a fazer outras atividades de lazer? Ex.: ir ao cinema, teatro, futebol, etc.	<input type="checkbox"/>					
12. Compra com o seu filho a roupa e calçado dele/a?	<input type="checkbox"/>					
13. Preocupa-se em que o seu filho/filha durma o suficiente e que se deite a horas adequadas?	<input type="checkbox"/>					

	Não se aplica	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
14. Mostra interesse pelo aproveitamento pré-escolar/escolar do seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
15. Mostra interesse em que o seu filho/filha conviva, jogue ou converse com os amigos e colegas?	<input type="checkbox"/>					
16. É meigo e carinhoso com o seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
17. Preocupa-se em trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a família e pagar as despesas?	<input type="checkbox"/>					
18. Conversa com o seu filho/filha quando ele/a está preocupado/a ou triste?	<input type="checkbox"/>					
19. Preocupa-se em que o seu filho/filha cuide da higiene pessoal? Ex.: que esteja limpo/a e asseado/a.	<input type="checkbox"/>					
20. Decide o que o seu filho/filha pode ou não pode fazer?	<input type="checkbox"/>					
21. Mostra interesse pelo dia-a-dia do seu filho/filha? Ex.: como foi o seu dia, se está tudo bem com ele/a, etc.	<input type="checkbox"/>					
22. Ajuda o seu filho/filha com os trabalhos do jardim de infância/da escola?	<input type="checkbox"/>					
23. Importa-se em que o seu filho/filha cumpra o horário do jardim de infância/da escola e os compromissos? Ex.: não chegar atrasado/a às aulas, não faltar, etc.	<input type="checkbox"/>					
24. Castiga o seu filho/filha quando ele/a se porta mal?	<input type="checkbox"/>					
25. Acha importante que o seu filho/filha participe em atividades extraescolares? Ex.: grupo desportivo, música, dança, etc.	<input type="checkbox"/>					
26. Quando o seu filho/filha precisa de um conselho, vai pedi-lo a si?	<input type="checkbox"/>					
27. Ensina coisas novas ao seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
28. Assegura que o seu filho/filha tenha todos os materiais escolares e tudo o que precisa para o jardim de infância/a escola?	<input type="checkbox"/>					
29. Preocupa-se com os amigos com quem o seu filho/filha socializa?	<input type="checkbox"/>					

**Anexo 3 – Adaptação da Escala de Responsabilidade Parental –
Versão Mãe**

Instruções

1. Neste questionário, vamos fazer-lhe algumas perguntas acerca das **responsabilidades e atividades que desempenha com o seu filho/filha**.
2. No caso de ter mais do que um filho e de acordo com a sua companheira, **reporte-se especificamente apenas a um deles**.
3. Nas questões cujo conteúdo **não se aplique à idade ou situação do seu filho/a**, responda **“Não se aplica”** (exemplo: “Quando o seu filho/filha precisa de um conselho, vai pedi-lo a si?” não se aplicará a uma criança com meses de idade).
4. Como isto não é um teste, **não há respostas certas ou erradas**. A sua opinião é o mais importante.
5. As suas **respostas são privadas e confidenciais** e a sua **participação é inteiramente livre**.
6. Nas páginas seguintes vão ser apresentadas **29 perguntas**. Para cada uma delas **faça uma cruz no quadrado que melhor corresponde à sua opinião** acerca desse assunto.

A seguir apresentamos-lhe um exemplo de como se responde ao questionário. Suponha que era esta a pergunta:

	Não se aplica	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Vê televisão lá em casa?	<input type="checkbox"/>					

Se raramente vê televisão lá em casa, faça uma cruz no **Raramente**.

Se vê muitas vezes televisão lá em casa, faça uma cruz no **Muitas vezes**.

Ou escolha qualquer uma das outras opções que melhor correspondam à sua opinião.

7. **Se se enganar** e quiser mudar a sua resposta, **risque por cima e faça uma nova cruz** na nova opção.
8. Não se esqueça que deve **responder a todas as questões**.
9. Desde já, **muito obrigado pela sua colaboração!**

Sobre o filho a que se reporta... Sexo: Masculino Feminino Idade: _____

ESCALA DE RESPONSABILIDADE PARENTAL (Lima, 2009)

	Não se aplica	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
1. Vai às reuniões do jardim de infância/da escola do seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
2. Acha importante comprar livros, jogos ou outros artigos de lazer para o seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
3. Cuida do seu filho/filha ou leva-o/a ao médico quando ele/a está doente?	<input type="checkbox"/>					
4. Decide os assuntos do jardim de infância/da escola do seu filho/filha? Ex.: decide se vai a visitas de estudo, atividades extracurriculares, etc.	<input type="checkbox"/>					
5. Recompensa o seu filho/filha quando ele/a se porta bem?	<input type="checkbox"/>					
6. Leva o seu filho/filha ao jardim de infância/à escola ou às atividades extraescolares? Ex.: atividade desportiva, música, etc.	<input type="checkbox"/>					
7. Manda em casa?	<input type="checkbox"/>					
8. Mostra interesse em que o seu filho/filha aprenda e experimente coisas novas?	<input type="checkbox"/>					
9. Preocupa-se em que o seu filho/filha faça uma alimentação adequada?	<input type="checkbox"/>					
10. Realiza atividades de lazer com o seu filho/filha em casa? Ex.: brincar, jogar com ele/a, ou outras atividades de lazer ou diversão.	<input type="checkbox"/>					
11. Leva o seu filho/filha a passear e a fazer outras atividades de lazer? Ex.: ir ao cinema, teatro, futebol, etc.	<input type="checkbox"/>					
12. Compra com o seu filho a roupa e calçado dele/a?	<input type="checkbox"/>					
13. Preocupa-se em que o seu filho/filha durma o suficiente e que se deite a horas adequadas?	<input type="checkbox"/>					

	Não se aplica	Nunca	Raramente	Algumas vezes	Muitas vezes	Sempre
14. Mostra interesse pelo aproveitamento pré-escolar/escolar do seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
15. Mostra interesse em que o seu filho/filha conviva, jogue ou converse com os amigos e colegas?	<input type="checkbox"/>					
16. É meiga e carinhosa com o seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
17. Preocupa-se em trabalhar e ganhar dinheiro para sustentar a família e pagar as despesas?	<input type="checkbox"/>					
18. Conversa com o seu filho/filha quando ele/a está preocupado/a ou triste?	<input type="checkbox"/>					
19. Preocupa-se em que o seu filho/filha cuide da higiene pessoal? Ex.: que esteja limpo/a e asseado/a.	<input type="checkbox"/>					
20. Decide o que o seu filho/filha pode ou não pode fazer?	<input type="checkbox"/>					
21. Mostra interesse pelo dia-a-dia do seu filho/filha? Ex.: como foi o seu dia, se está tudo bem com ele/a, etc.	<input type="checkbox"/>					
22. Ajuda o seu filho/filha com os trabalhos do jardim de infância/da escola?	<input type="checkbox"/>					
23. Importa-se em que o seu filho/filha cumpra o horário do jardim de infância/da escola e os compromissos? Ex.: não chegar atrasado/a às aulas, não faltar, etc.	<input type="checkbox"/>					
24. Castiga o seu filho/filha quando ele/a se porta mal?	<input type="checkbox"/>					
25. Acha importante que o seu filho/filha participe em atividades extraescolares? Ex.: grupo desportivo, música, dança, etc.	<input type="checkbox"/>					
26. Quando o seu filho/filha precisa de um conselho, vai pedi-lo a si?	<input type="checkbox"/>					
27. Ensina coisas novas ao seu filho/filha?	<input type="checkbox"/>					
28. Assegura que o seu filho/filha tenha todos os materiais escolares e tudo o que precisa para o jardim de infância/a escola?	<input type="checkbox"/>					
29. Preocupa-se com os amigos com quem o seu filho/filha socializa?	<input type="checkbox"/>					

Anexo 4 –
Escala das Dimensões da Intimidade – Versão masculina

Instruções

1. Neste questionário, vamos fazer-lhe algumas perguntas acerca da sua **relação conjugal**.
2. Como isto não é um teste, **não há respostas certas ou erradas**. A sua opinião é o mais importante.
3. As suas **respostas são privadas e confidenciais** e a sua **participação é inteiramente livre**.
4. Nas páginas seguintes vão ser apresentadas **43 perguntas**. Para cada uma delas **faça uma cruz no quadrado que melhor corresponde à sua opinião** acerca desse assunto.

A seguir apresentamos-lhe um exemplo de como se responde ao questionário. Suponha que era esta a pergunta:

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
1. Vê televisão lá em casa?	<input type="checkbox"/>				

Se raramente vê televisão lá em casa, faça uma cruz no **Raramente**.

Se vê muitas vezes televisão lá em casa, faça uma cruz no **Muitas vezes**.

Ou escolha qualquer uma das outras opções que melhor correspondam à sua opinião.

5. **Se se enganar** e quiser mudar a sua resposta, **risque por cima e faça uma nova cruz** na nova opção.
6. Não se esqueça que deve **responder a todas as questões**.
7. Desde já, **muito obrigado pela sua colaboração!**

ESCALA DAS DIMENSÕES DA INTIMIDADE (Crespo, Narciso, Ribeiro, & Costa, 2006)

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
1. Tenho aprendido muito com a minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
2. Tenho medo que a minha companheira possa mudar.	<input type="checkbox"/>				
3. Gosto de ouvir a opinião da minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
4. Admiro a minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
5. Considero que esta relação me faz crescer.	<input type="checkbox"/>				
6. Se estou em desacordo com a minha companheira, prefiro não demonstrá-lo.	<input type="checkbox"/>				
7. Aprecio as qualidades da minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
8. Quando tenho algum problema, procuro o apoio da minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
9. Sinto-me inferior à minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
10. Valorizo as ideias e sentimentos da minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
11. Preciso que a minha companheira me elogie sempre.	<input type="checkbox"/>				
12. Gosto de abraçar e ser abraçado pela minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
13. Gosto que a minha companheira me fale dos seus sentimentos.	<input type="checkbox"/>				
14. Quando ela precisa, dou-lhe todo o meu apoio.	<input type="checkbox"/>				
15. Sinto-me inseguro quando ela está longe.	<input type="checkbox"/>				
16. Acho importante que a minha companheira partilhe comigo as suas preocupações e receios.	<input type="checkbox"/>				
17. Preocupo-me com o bem-estar da minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
18. Sinto que não mereço o amor da minha companheira.	<input type="checkbox"/>				

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
19. Neste momento, a minha companheira é a único que me pode fazer feliz numa relação amorosa.	<input type="checkbox"/>				
20. Sou demasiado ciumento.	<input type="checkbox"/>				
21. Aceito a minha companheira como ela é.	<input type="checkbox"/>				
22. Penso na minha companheira quando não estamos perto um do outro.	<input type="checkbox"/>				
23. Mesmo quando não estou de acordo com ela, tento compreender o seu ponto de vista.	<input type="checkbox"/>				
24. Tenho medo que ela não me aceite como eu sou.	<input type="checkbox"/>				
25. Acaricio e beijo a minha companheira frequentemente.	<input type="checkbox"/>				
26. Gosto de partilhar atividades de lazer com a minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
27. Sinto-me seguro em relação aos sentimentos que a minha companheira tem por mim.	<input type="checkbox"/>				
28. Quando existe conflito na nossa relação, sinto-me assustado.	<input type="checkbox"/>				
29. Mostro muitas vezes à minha companheira o que sinto por ela.	<input type="checkbox"/>				
30. A confiança que tenho em mim depende da avaliação da minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
31. Confio na minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
32. Respeito a diferença da minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
33. Gosto de saber o que acontece na vida da minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
34. Se a minha companheira dá muita atenção a outras pessoas, isso incomoda-me.	<input type="checkbox"/>				
35. Tenho contribuído para o crescimento do amor na nossa relação.	<input type="checkbox"/>				

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
36. Desejo fisicamente a minha companheira, mesmo na sua ausência.	<input type="checkbox"/>				
37. Preciso que ela me demonstre o seu amor constantemente.	<input type="checkbox"/>				
38. Sinto prazer quando nos envolvemos sexualmente.	<input type="checkbox"/>				
39. Gosto de seduzir a minha companheira.	<input type="checkbox"/>				
40. Penso muitas vezes que a minha companheira me pode ser infiel.	<input type="checkbox"/>				
41. Percebo que a minha companheira está a sentir o mesmo, sem ele falar.	<input type="checkbox"/>				
42. Quando magoo a minha companheira, sou capaz de lhe pedir desculpa.	<input type="checkbox"/>				
43. Quando tenho de tomar decisões importantes, considero sempre as consequências para a nossa relação.	<input type="checkbox"/>				

Anexo 4 – Escala das Dimensões da Intimidade – Versão feminina

Instruções

1. Neste questionário, vamos fazer-lhe algumas perguntas acerca da sua **relação conjugal**.
2. Como isto não é um teste, **não há respostas certas ou erradas**. A sua opinião é o mais importante.
3. As suas **respostas são privadas e confidenciais** e a sua **participação é inteiramente livre**.
4. Nas páginas seguintes vão ser apresentadas **43 perguntas**. Para cada uma delas **faça uma cruz no quadrado que melhor corresponde à sua opinião** acerca desse assunto.

A seguir apresentamos-lhe um exemplo de como se responde ao questionário. Suponha que era esta a pergunta:

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
1. Vê televisão lá em casa?	<input type="checkbox"/>				

Se raramente vê televisão lá em casa, faça uma cruz no **Raramente**.

Se vê muitas vezes televisão lá em casa, faça uma cruz no **Muitas vezes**.

Ou escolha qualquer uma das outras opções que melhor correspondam à sua opinião.

5. **Se se enganar** e quiser mudar a sua resposta, **risque por cima e faça uma nova cruz** na nova opção.
6. Não se esqueça que deve **responder a todas as questões**.
7. Desde já, **muito obrigado pela sua colaboração!**

ESCALA DAS DIMENSÕES DA INTIMIDADE (Crespo, Narciso, Ribeiro, & Costa, 2006)

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
1. Tenho aprendido muito com o meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
2. Tenho medo que o meu companheiro possa mudar.	<input type="checkbox"/>				
3. Gosto de ouvir a opinião do meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
4. Admiro o meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
5. Considero que esta relação me faz crescer.	<input type="checkbox"/>				
6. Se estou em desacordo com o meu companheiro, prefiro não demonstrá-lo.	<input type="checkbox"/>				
7. Aprecio as qualidades do meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
8. Quando tenho algum problema, procuro o apoio do meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
9. Sinto-me inferior ao meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
10. Valorizo as ideias e sentimentos do meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
11. Preciso que o meu companheiro me elogie sempre.	<input type="checkbox"/>				
12. Gosto de abraçar e ser abraçada pelo meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
13. Gosto que o meu companheiro me fale dos seus sentimentos.	<input type="checkbox"/>				
14. Quando ele precisa, dou-lhe todo o meu apoio.	<input type="checkbox"/>				
15. Sinto-me insegura quando ele está longe.	<input type="checkbox"/>				
16. Acho importante que o meu companheiro partilhe comigo as suas preocupações e receios.	<input type="checkbox"/>				
17. Preocupo-me com o bem-estar do meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
18. Sinto que não mereço o amor do meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
19. Neste momento, o meu companheiro é o único que me pode fazer feliz numa relação amorosa.	<input type="checkbox"/>				
20. Sou demasiado ciumenta.	<input type="checkbox"/>				
21. Aceito o meu companheiro como ele é.	<input type="checkbox"/>				
22. Penso no meu companheiro quando não estamos perto um do outro.	<input type="checkbox"/>				
23. Mesmo quando não estou de acordo com ele, tento compreender o seu ponto de vista.	<input type="checkbox"/>				
24. Tenho medo que ele não me aceite como eu sou.	<input type="checkbox"/>				
25. Acaricio e beijo o meu companheiro frequentemente.	<input type="checkbox"/>				
26. Gosto de partilhar atividades de lazer com o meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
27. Sinto-me segura em relação aos sentimentos que o meu companheiro tem por mim.	<input type="checkbox"/>				
28. Quando existe conflito na nossa relação, sinto-me assustada.	<input type="checkbox"/>				
29. Mostro muitas vezes ao meu companheiro o que sinto por ele.	<input type="checkbox"/>				
30. A confiança que tenho em mim depende da avaliação do meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
31. Confio no meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
32. Respeito a diferença do meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
33. Gosto de saber o que acontece na vida do meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
34. Se o meu companheiro dá muita atenção a outras pessoas, isso incomoda-me.	<input type="checkbox"/>				
35. Tenho contribuído para o crescimento do amor na nossa relação.	<input type="checkbox"/>				

	Discordo totalmente	Discordo	Neutro	Concordo	Concordo totalmente
36. Desejo fisicamente o meu companheiro, mesmo na sua ausência.	<input type="checkbox"/>				
37. Preciso que ele me demonstre o seu amor constantemente.	<input type="checkbox"/>				
38. Sinto prazer quando nos envolvemos sexualmente.	<input type="checkbox"/>				
39. Gosto de seduzir o meu companheiro.	<input type="checkbox"/>				
40. Penso muitas vezes que o meu companheiro me pode ser infiel.	<input type="checkbox"/>				
41. Percebo que o meu companheiro está a sentir o mesmo, sem ele falar.	<input type="checkbox"/>				
42. Quando magoo o meu companheiro, sou capaz de lhe pedir desculpa.	<input type="checkbox"/>				
43. Quando tenho de tomar decisões importantes, considero sempre as consequências para a nossa relação.	<input type="checkbox"/>				

Anexo 6 – Questionário das representações dos papéis parentais

Instruções

1. Este questionário tem como objetivo analisar a **representação social dos papéis parentais**.
2. Como isto não é um teste, **não há respostas certas ou erradas**. A sua opinião é o mais importante.
3. As suas **respostas são privadas e confidenciais** e a sua **participação é inteiramente livre**.
4. Nas páginas seguintes vão ser apresentadas **2 perguntas abertas**. Tente produzir a sua resposta dentro dos limites estabelecidos; no entanto, se precisar de acrescentar alguma nota poderá utilizar o espaço disponível no verso.
5. Não se esqueça que deve **responder a ambas as questões**.
6. Desde já, **muito obrigado pela sua colaboração!**

**Anexo 7 – Análise de conteúdo dos questionários das
representações dos papéis parentais**

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo¹⁸	Frequência
Cuidados e Interesse	Cuidar/criar	Pai	“As tarefas de educar e cuidar são tarefas de ambos os pais” (30M)	22
		Mãe	“É corresponder às suas necessidades mais básicas desde sempre” (11F) “Garantir que dormem as horas adequadas” (30F) “A mãe passa a vida a planear para que o seu filho seja o mais feliz” (40M)	44
	Alimentação	Pai	“(…) ter preocupação sobre a sua alimentação” (10M)	17
		Mãe	“Ser mãe é pensar todos os dias o que dar de comer aos filhos” (52M)	25
	Higiene	Pai	“Mudar fraldas, tomar banho” (7M)	8
		Mãe	“Mudar fraldas” (48F)	8
	Saúde	Pai	“O pai é responsável (...) por dar saúde” (34M)	6
		Mãe	“Ir ao médico quando estão doentes e não faltar a uma consulta de rotina” (52F) “Ser mãe é levar os filhos a consultas de médicos, porque uma mãe tem que ouvir sempre o que os médicos dizem, ser o pai a ir e chegar a casa e contar, para uma mãe não chega” (52M)	13

¹⁸ Os códigos apresentados representam o número do casal e o sexo do participante (M = Masculino; F = Feminino).

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo ¹⁸	Frequência
Cuidados e Interesse	Sustento económico	Pai	“Manter asseguradas as necessidades básicas da casa” (1M) “Assegurar o bem-estar da casa material” (11M)	8
		Mãe	“Apoio financeiro” (54M)	4
Apoio Emocional e Estimulação	Tolerância/paciência	Pai	“Ser pai significa (...) ser paciente” (48M)	10
		Mãe	“Resolver as situações com respeito e civismo” (37F)	10
	Amizade	Pai	“É estar sempre preparado para umas aventuras com os filhos (...), por vezes [o pai] fecha os olhos ao cumprimento de rotinas e horários dos filhos, sendo muitas vezes seu «compincha nas suas brincadeiras»” (30F) “Quero ser também o maior amigo nele (...), não quero que haja tabus na nossa relação de pai para filho” (33M) “Ser pai é ser fixe (...), desafiar a mãe a não ser «chatinha» (...), fazer caretas quando a mãe se mantém séria” (52F)	27
		Mãe	“Não poderá ser sua amiga, porque isso talvez trouxesse alguma confusão ao filho em relação à autoridade exercida pela mãe (...), mas não deixará	10

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo ¹⁸	Frequência
Apoio Emocional e Estimulação			de olhar para o filho através dos seus olhos também como amiga” (4M)	
	Proteção/segurança	Pai	“O pai é protetor principalmente com as meninas” (22M)	30
		Mãe	“(…) nos dias de hoje há uma grande tentação em querer ser «a melhor amiga», mas não devemos deixar que isso aconteça, até porque mesmo mostrando a nossa autoridade como mãe, se os problemas apertarem somos sempre o porto seguro, o refúgio” (28F)	32
	Diálogo e aconselhamento	Pai	“Facilitar o diálogo” (55M)	18
		Mãe	“Ouvi-los quando estão desiludidos” (30F) “A diferença é que como só tenho filhas, há certas conversas que, naturalmente, elas preferem ter com a mãe porque não se sentem à vontade comigo” (54M) “Não menos importante é a comunicação/diálogo com os filhos, pois assim saberão que nos preocupamos com eles, sendo também uma forma para percebermos se está tudo e bem e permite ao mesmo tempo criar cumplicidade entre ambos” (55F)	30
	Empatia	Pai	“Ser pai é tentar perceber o estado físico e psicológico dos filhos” (52M)	8

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo ¹⁸	Frequência
Apoio Emocional e Estimulação		Mãe	“Uma mãe percebe e entende melhor quando um filho precisa de ajuda” (2M) “É ter a cumplicidade de perceber o que os filhos têm, o que eles precisam, se eles estão bem” (50F)	11
	Apoio, promoção de independência e de autoestima	Pai	“Frequentemente é mais inclinado a encorajar o filho a explorar o seu ambiente e a tentar que procure a sua independência” (43M)	40
		Mãe	“Deixar que aprendam o certo e o errado e que criem a sua própria definição” (51F) “Mais do que apoio financeiro, é necessário apoiar emocionalmente” (54F) “Transmitir confiança, ajudar a elevar a autoestima” (59F)	36
	Presença	Pai	“É estar sempre próximo, acessível, tentando estar sempre presente na vida do seu filho” (43M)	42
		Mãe	“Ser mãe é como a margem de um rio, segue o seu percurso sempre até ao fim” (25F)	40
	Amor e carinho	Pai	“Ser pai é amar os seus filhos em toda a sua plenitude” (29M)	50
		Mãe	“Ser mãe é ter uma capacidade de amar sem limite” (23F)	60

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo¹⁸	Frequência
Apoio Emocional e Estimulação	Promoção do desenvolvimento físico e cognitivo	Pai	“Desenvolver-lhes a inteligência, dando asas à imaginação” (51M)	8
		Mãe	“É preocupar-me com o seu desenvolvimento físico e motor” (43F)	8
	Proporcionar novas experiências e aprendizagens	Pai	“É ensinar a jogar à bola e a andar de bicicleta” (17F)	3
		Mãe	“Ajudar a conhecer o desconhecido” (12M)	3
	Atividades de lazer	Pai	“(…) ir jogar futebol ou esconder debaixo da cama, quando se está a brincar às escondidinhas” (33M) “É voltar a fazer construções com legos, brincar com os carrinhos, ler histórias e ver os desenhos animados com ele” (40M)	29
		Mãe	“Fazer programas que vão ao encontro dos seus gostos e interesses (40F)	14
Escola		Pai	“Acompanhar as atividades extraescolares” (3F)	5
		Mãe	“[Participar na] Educação escolar” (36M)	10
Autoridade e Disciplina	Incutir valores	Pai	“Incentivá-los para que estejam preparados para um projeto de vida com dignidade” (13M) “Tentar que os meus filhos ajudem sempre outras pessoas (dando aqueles brinquedos que não usam, as roupas que não servem, etc.)” (52M)	71

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo¹⁸	Frequência
Autoridade e Disciplina		Mãe	<p>“Transmitir valores e princípios que sirvam como base às decisões que os nossos filhos terão de tomar futuramente” (32F)</p> <p>“Ensinar aos filhos que, mais importante, num mundo de desigualdades como hoje em dia, são as questões humanitárias, a entre-ajuda, a cooperação, a humanidade e a hombridade do que qualquer bem-material supérfluo” (16F)</p>	79
	Integração na sociedade	Pai	“Ser pai é dar as bases para uma vida cívica e social” (5M)	14
		Mãe	“Dar bons conselhos perante a sociedade” (57M)	13
	Figura de autoridade	Pai	<p>“Um pai, a meu ver, consegue impor mais respeito” (2F)</p> <p>“É nele que a criança (...) vê a autoridade e a responsabilidade” (7F)</p> <p>“É também importante o papel de pai, por vezes as crianças veem mais autoridade e acabam por obedecer mais depressa” (43F)</p> <p>“É ralar «mais alto» quando o ralar da mãe já não chega” (52F)</p>	18
		Mãe	“Ser mãe é impor ordem na casa, nos filhos e no marido, porque o pai às vezes é pior que os filhos” (52F)	6

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo ¹⁸	Frequência
Autoridade e Disciplina	Estabelecimento de regras e de limites	Pai	“Estabelecer regras” (12M)	11
		Mãe	“Saber dizer o sim e o não na hora certa” (42F)	16
	Punição	Pai	“O pai tem que impor regras e castigos para o bem-estar dos filhos” (52M)	12
		Mãe	“Quando se justifique [dar] um raspanete ou uma palmada que não faz mal a ninguém” (6M)	11
Gestação e amamentação		Pai	<p>“A única diferença estará na fase gestacional, na qual o pai pode apenas dar apoio à mãe e ir conversando com o bebé” (15F)</p> <p>“A única diferença é o pai não ter gerado o filho durante nove meses. Quanto à amamentação, não será tão linear, uma vez que o meu filho só amamentou 2 meses. Mas mesmo aí o pai já pode ter um papel ativo” (40F)</p>	2
		Mãe	<p>“A capacidade que a mulher tem em gerar um ser vivo, dentro de si, e durante nove meses, alimentando-o, ao de o moldar até ao mais ínfimo pormenor (...)” (4M)</p> <p>“Ser mãe tem a diferença de poder amamentar um filho do seu próprio leite, o que ajuda e muito a criar um forte laço entre mãe e filho” (26M)</p>	20

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo ¹⁸	Frequência
			“Ser mãe é a pessoa que carrega o filho no ventre” (60F)	
Novo sentido de vida/Gratificação	Melhor acontecimento na vida	Pai	“Ser pai é a melhor sensação que podia viver, com isso fez-me crescer e fez-me mostrar e desenvolver o lado paternal” (26M)	25
		Mãe	“Ser mãe é uma dádiva de Deus, é uma das funções mais importantes do papel de mulher” (8F) “É um dom que todas as mulheres devem ter” (14F)	35
	Descoberta de potencialidades pessoais	Pai	“Cresci como homem” (57M)	2
		Mãe	“Aprendi a ser mais responsável, adulta (...), tornamo-nos mais meigas” (57F)	8
Sacrifício pessoal	Viver em função dos filhos/preocupação	Pai	“Ser pai é uma gaiola dourada” (62M) “É tirar um pouco de nós para dar a eles” (33M)	15
		Mãe	“A partir do momento em que se é mãe, até se esquece um pouco o marido” (33F) “Ser mãe é o pior e o melhor emprego do mundo” (37F) “A mãe é a primeira a levantar-se e a última a deitar-se” (53M) “Ser mãe é andarmos de coração na mão” (43F) “Ser mãe é deixarmos de vivermos para nós e passarmos a existir em função dos nossos filhos” (61F)	28

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo¹⁸	Frequência
Sacrifício pessoal	Dar a vida	Pai	“Ser pai é dar a vida” (6M)	4
		Mãe	“Ser mãe faz-me ver o mundo de outra maneira e de tomar a consciência que daria a minha vida pelos meus filhos, sem hesitar” (46F)	6
Modelo/ Tipificação sexual	Guia/orientador	Pai	“Mostrar-lhe os caminhos” (25M)	12
		Mãe	“Ser o pilar das suas atitudes” (25F)	15
	Exemplo a seguir	Pai	“Ser pai é apresentar a visão do lado masculino, mais racional e ponderado” (17F) “Ser pai é ser forte” (18M) “Pai é ser o primeiro herói do filho, o ponto de referência para o seu desenvolvimento” (60M)	19
		Mãe	“A mãe serve de referencial feminino” (31M)	5
Gestão Familiar	Tarefas domésticas	Pai	“O pai auxilia nas tarefas diárias” (33F)	5
		Mãe	“É fazer as simples tarefas domésticas, como limpar, cozinhar, lavar” (17M)	10
	Apoio instrumental e emocional ao parceiro	Pai	“A mãe deve, com a minha ajuda, passar a ferro, lavar, orientar todas as funções domésticas” (73M) “Ser pai é ser «o braço direito da mãe»” (1F) “O pai deve partilhar tudo com a mãe, os medos, as dúvidas, os momentos de ansiedade, isto talvez	17

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo¹⁸	Frequência
Gestão familiar	Apoio emocional e instrumental ao parceiro		<p>porque as mães arriscam mais e são mais corajosas” (43F)</p> <p>“Ser pai é incentivar os filhos a ajudar a mãe quando ela precisa e respeitá-la” (9F)</p> <p>“Tomar conta do menino quando a mãe não pode” (14M)</p> <p>“Pai é aquele que acompanha a sua companheira na educação” (38F)</p>	
		Mãe	“Cooperar com o pai” (55M)	4
	Bem-estar familiar	Pai	“A função principal do pai é manter na família união, harmonia, estabilidade” (53M)	8
		Mãe	“Ser mãe é ser o suporte da família” (1M)	11
Predominância do papel de mãe			<p>“A mulher é aquele ser que eu acho mais completo, mais capaz e ao mesmo tempo mais sensível para dar a vida (...)” (4M)</p> <p>“A nível emocional, é a figura mais importante, pois é o exemplo do sacrifício para que nada falte aos filhos” (7M)</p> <p>“Ser mãe é ser a rainha de uma família” (9M)</p> <p>“Ser mãe (...) acresce mais responsabilidades que o pai, uma vez que tem, nos primeiros meses, que cuidar mais e estar mais tempo presente (...)” (14M)</p>	12 (4 mães e 8 pais)

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo ¹⁸	Frequência
	Predominância do papel de mãe		<p>“Ser mãe é estar sempre um passo à frente de nós homens” (53M)</p> <p>“Ser pai também é uma experiência única, com uma simples diferença, a diferença de não existir a «ligação do cordão umbilical/dar à luz»” (39F)</p>	
	Predominância do papel de pai		<p>“Ser pai é um bocadinho daquilo que é ser mãe, mas um pai no meu ver consegue impor mais respeito...” (2F)</p> <p>“Cá em casa, é o que mais brinca, talvez porque tem um pouco mais de tempo, o que é fundamental, também o que ajuda mais nos TPC’s” (6F).</p> <p>“Ser pai, para mim, é tudo” (58F)</p>	5 (pai e 4 mães)
	Igualdade de funções entre pai e mãe		<p>“No mundo atual, pai e mãe têm exatamente as mesmas funções na educação e no desenvolvimento dos filhos, não havendo qualquer distinção entre ambos” (6M)</p> <p>“Num enquadramento de partilha de responsabilidade e tarefas, estas devem comprometê-lo (...) na repartição de tarefas de âmbito doméstico, escolar e social, e com a mãe” (8M)</p> <p>“Ser pai é ser mãe” (10 M)</p>	55 (22 pais e 33 mães)

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo ¹⁸	Frequência
			<p>“Na minha opinião (...) devem caminhar juntos para educar e amar os filhos. Pai e mãe complementam-se!” (23F)</p> <p>“Um pai não deve ser privado de exercer as mesmas funções da mãe na relação com os seus filhos” (32F)</p> <p>“Ser pai para mim envolve os mesmos princípios e funções semelhantes ao ser mãe, penso é que socialmente acredita-se que os filhos gostam mais a mãe por amamentarem e os pais serem socialmente mais ausentes” (33F)</p> <p>“Apesar de partir em desvantagem relativamente à mãe, uma vez que são criados laços afetivos durante a gestação, com forte empenho e proatividade será possível ultrapassar essa diferença” (37M)</p> <p>“A sociedade contemporânea teve a capacidade de destruir os conceitos de pai e de mãe (...). Ainda associamos o ato de ser pai e de ser mãe a uma luta dialética que contrapõe afetividade e racionalidade (...) A educação é sempre um projeto dos pais e tenho dificuldade em entender o exercício deste ato de forma separada” (61M)</p>	

Igualdade de funções entre pai e mãe

Categoria	Subcategoria	Figura parental	Exemplos de unidades de registo ¹⁸	Frequência
	Igualdade de funções entre pai e mãe		<p>“Ser pai é ser mãe... no masculino! (...) O fundamental é que ambos (pai e mãe) formem uma equipa com o mesmo objetivo” (61F)</p>	